

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

AMANDA TIEMI AOKI

**Asiáticas amarelas para além da minoria modelo:
representatividade em narrativas contraestereotípicas**

São Paulo
2020

AMANDA TIEMI AOKI

**Asiáticas amarelas para além da minoria modelo:
representatividade em narrativas contraestereotípicas**

Versão corrigida

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Alves de Carvalho

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Aoki, Amanda Tiemi
Asiáticas amarelas para além da minoria modelo:
representatividade em narrativas contraestereotípicas /
Amanda Tiemi Aoki ; orientadora, Simone Alves de Carvalho. -
- São Paulo, 2020.
90 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de Relações
Públicas, Propaganda e Turismo/Escola de Comunicações e
Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia
Versão corrigida

1. Estereótipos 2. Asiáticas amarelas 3. Narrativas
contraestereotípicas 4. Representatividade 5. Mídia de
entretenimento I. Carvalho, Simone Alves de II. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

AOKI, Amanda Tiemi. **Asiáticas amarelas para além da minoria modelo: representatividade em narrativas contraestereotípicas.** 2020. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Aprovada em: 10/12/2020

Banca Examinadora

Profa. Dra. Simone Alves de Carvalho

Instituição: Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Leandro Leonardo Batista

Instituição: Universidade de São Paulo

Profa. Ma. Renata Melo Barbosa do Nascimento

Instituição: Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Cássia e Fábio, por toda dedicação, esforço, confiança, apoio e amor incondicional. Sem vocês eu não seria nada.

Ao meu irmão, Fabinho, por ser meu ombro amigo e cúmplice desde sempre.
Amor vincit omnia.

Ao Vini, por todo amor, paciência e compreensão nestes anos todos. Obrigada por ser tão companheiro.

Aos meus familiares, por sempre terem acreditado em mim e me dado a força que eu precisava para chegar até aqui. Se hoje eu sou a primeira da nossa família a estar na universidade pública, esta conquista não é somente minha, mas de todos nós.

Aos meus amigos, pela certeza de que nunca estou só. Especialmente, à Aisha, Carol, Jéssica e Vitória, por terem me apoiado em todas as etapas desta jornada e vibrado comigo a cada conquista. Sorte a minha poder compartilhar a vida com vocês.

Aos colegas de profissão que tive o prazer de trabalhar junto neste período, por terem compartilhado conhecimento e confiado em mim. Vocês fazem parte desta história pela qual tenho tanto carinho.

À minha orientadora, professora Simone, por ter me recebido de braços abertos não só uma, mas duas vezes. Obrigada por ter acreditado em mim e neste trabalho.

À Escola de Comunicações e Artes, por todas as experiências que me engrandeceram e permitiram crescer como profissional e cidadã. Esta etapa da minha vida não poderia ter sido melhor em qualquer outro lugar senão aqui.

À Universidade de São Paulo, por ter aberto inúmeras portas e proporcionado muito mais do que uma graduação. A oportunidade de cruzar o caminho de pessoas tão diversas e brilhantes é algo ao qual sou imensamente grata.

me levanto
sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
o que é que eu faço
para tornar essa montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além

- *legado*
(KAUR, 2018, p. 213, itálico da autora).

RESUMO

AOKI, Amanda Tiemi. **Asiáticas amarelas para além da minoria modelo: representatividade em narrativas contraestereotípicas.** 2020. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Este trabalho objetiva entender o papel social que as narrativas veiculadas pelos produtos midiáticos exercem frente aos estereótipos de mulheres asiáticas amarelas em contextos ocidentais. Para isso, utiliza-se a teoria do cultivo, de Gerbner (1973), e o conceito de narrativas contraestereotípicas, de Pereira (2019), para compreender o processo de construção de identidade mediado pelos estereótipos e pela mídia de entretenimento. Por meio da análise de conteúdo da franquia infanto-juvenil “O Clube das Babás”, originalmente livros de Ann M. Martin (2012a, 2012b), e adaptada pela Netflix (O CLUBE..., 2020), busca-se verificar se a ameaça dos estereótipos é experienciada pelas três personagens asiáticas amarelas mais desenvolvidas da série – Claudia Kishi, Mimi Yamamoto e Janine Kishi. Além disso, visa entender a função das narrativas contraestereotípicas e oferecer instrumentos para diminuir a presença de personagens estereotipados na indústria do entretenimento. Assim, a partir da observação dessas personagens, somada às impressões obtidas no documentário “Geração Claudia Kishi” (2020) da Netflix sobre o impacto da franquia para asiáticos crescidos nos anos 1990, conclui-se que essa produção de *streaming* auxilia na representatividade de meninas amarelas. A narrativa dá visibilidade à pluralidade que existe dentro desse grupo considerado minoritário e cumpre um papel importante de fortalecer a luta contra estereótipos prejudiciais às asiáticas.

Palavras-chave: Estereótipos. Asiáticas amarelas. Narrativas contraestereotípicas. Representatividade. Mídia de entretenimento.

ABSTRACT

AOKI, Amanda Tiemi. **Yellow Asians beyond the model minority: representativeness in counter-stereotypical narratives.** 2020. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This monograph aims to understand the social role that narratives conveyed by media's products play against the stereotypes of Yellow Asian women in Western societies. For that, the cultivation theory, by Gerbner (1973), and the concept of counter-stereotypical narratives, by Pereira (2019), are used to understand the process of identity construction mediated by stereotypes and the entertainment media. Through content analysis of the children's and youth franchise "The Baby-Sitters Club", originally books by Ann M. Martin (2012a, 2012b), and adapted by Netflix (O CLUBE..., 2020), it's seek to verify if the stereotype threat is experienced by the three most developed Yellow Asian characters in the series, Claudia Kishi, Mimi Yamamoto and Janine Kishi. Also, it's expected to understand the role of counter-stereotypical narratives and to offer tools to reduce the presence of stereotyped characters in the entertainment industry. Thus, from the observation of these characters, added to the impressions obtained in the documentary "The Claudia Kishi Club" (GERAÇÃO..., 2020) of Netflix about the impact of this franchise for Asians grown up in the 1990s, it is concluded that this streaming product helps in representativeness of Yellow girls. The narrative gives visibility to the plurality that exists within this group considered to be a minority and plays an important role in strengthening the fight against harmful stereotypes to female Asian.

Keywords: Stereotypes. Yellow Asian. Counter-stereotypical narratives. Representativeness. Entertainment media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organograma do Clube das Babás junto às duas personagens do núcleo de Claudia Kishi que serão analisadas: Janine Kishi e Mimi Yamamoto.....	41
Figura 2 – Estilo e personalidade de Claudia Kishi.....	42
Figura 3 – Claudia Kishi e Trevor Sandbourne conversando sobre seus autorretratos durante uma aula de artes.....	43
Figura 4 – Reunião do Clube no quarto de Claudia com todas as meninas interagindo juntas, com exceção de Kristy.....	45
Figura 5 – Claudia e Stacey comemorando a autorização de Richard para reformarem o quarto de Mary Anne.....	46
Figura 6 – Claudia e Stacey conversando na mostra de arte enquanto as outras meninas do Clube observavam as obras de Claudia.....	46
Figura 7 – Claudia e Dawn lecionando sua própria aula de artes gratuita para as crianças de seu grupo do acampamento.....	47
Figura 8 – Mimi recepcionando Kristy e Mary Anne na casa dos Kishi's.....	49
Figura 9 – Mimi posando para o retrato de Claudia.....	50
Figura 10 – Sapatos dos clientes convidados pelo Clube das Babás ao lado da porta de entrada da casa dos Kishi's.....	51
Figura 11 – Estilo e personalidade de Janine Kishi.....	52
Figura 12 – Janine se esquivando da tentativa de carinho de sua mãe.....	53
Figura 13 – Janine confortando Claudia na sala de espera do hospital.....	54
Figura 14 – Proposta de releitura dos títulos de algumas obras de Ann M. Martin por Phil Yu.....	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Critérios para identificar estereótipos e construir narrativas contraestereotípicas.....	29
Quadro 2 – Estereótipo na personagem de Claudia Kishi.....	67
Quadro 3 – Estereótipo na personagem de Mimi Yamamoto.....	70
Quadro 4 – Estereótipo na personagem de Janine Kishi.....	72
Quadro 5 – Estereótipo no documentário “Geração Claudia Kishi” (2020) da Netflix.....	75
Quadro 6 – Adaptação do quadro de narrativas contraestereotípicas de Pereira (2019) para a franquia “O Clube das Babás” (2020) da Netflix.....	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O MUNDO MOLDADO PELOS ESTEREÓTIPOS	13
2.1 MULHERES ASIÁTICAS AMARELAS E SEUS ESTEREÓTIPOS	16
2.2 A AMEAÇA DOS ESTEREÓTIPOS	19
3 A MÍDIA COMO INSTITUIÇÃO SOCIAL	22
3.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA COMUNICAÇÃO MEDIADA	25
3.2 NARRATIVAS CONTRAESTEREOTÍPICAS	28
4 DIVERSIDADE, HOLLYWOOD E NETFLIX	33
5 ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE AMARELA INFANTO-JUVENIL	38
5.1 OBJETIVOS, CORPUS E INDICADORES	38
5.2 SÉRIE DA NETFLIX: “O CLUBE DAS BABÁS”	40
5.2.1 <i>CLAUDIA KISHI</i>	42
5.2.2 <i>MIMI YAMAMOTO</i>	48
5.2.3 <i>JANINE KISHI</i>	51
5.3 LIVROS ANN M. MARTIN: “O CLUBE DAS BABÁS”	54
5.3.1 <i>CLAUDIA KISHI</i>	55
5.3.2 <i>MIMI YAMAMOTO</i>	61
5.3.3 <i>JANINE KISHI</i>	63
5.4 ESTEREOTIPIA E “O CLUBE DAS BABÁS”	66
5.4.1 <i>CLAUDIA KISHI</i>	66
5.4.2 <i>MIMI YAMAMOTO</i>	69
5.4.3 <i>JANINE KISHI</i>	71
5.4.4 DOCUMENTÁRIO “GERAÇÃO CLAUDIA KISHI”	74
5.5 CONSIDERAÇÕES DAS ANÁLISES	80
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	86

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de coronavírus reacendeu os casos de xenofobia e racismo contra os não-brancos, tanto pela origem chinesa do vírus, que tornou alvo os asiáticos amarelos, quanto pelo assassinato de George Floyd, que trouxe maior visibilidade ao movimento *Black Lives Matter* e à luta antirracista. Diante desse cenário, uma das pautas de discussão foi o papel dos asiáticos no movimento antirracista.

Pelo fato dos asiáticos amarelos terem sido rotulados como a minoria modelo pelos brancos, eles tiveram – e ainda têm – acesso a muitos dos benefícios que a branquitude oferece. Apesar disso, quando olham para a indústria hollywoodiana em busca de representatividade, dificilmente se enxergam. Mesmo em países tão diversos quanto o Brasil e Estados Unidos, em termos culturais, étnicos e raciais, as imagens que predominam são brancas. As poucas personagens não-brancas costumam ser extremamente limitadas, estereotipadas e inverídicas.

Por isso, crescer sem enxergar pessoas parecidas consigo na mídia acaba criando a sensação de serem eternos estrangeiros em seus próprios países, o que os leva a acreditar desde cedo que não pertencem nem mesmo ao lugar em que nasceram. Esse sentimento não é exclusivo de um único indivíduo amarelo, mas sim compartilhado por todos aqueles que se reconhecem como tal. E, no caso das mulheres amarelas, o cenário tende a ser ainda pior, haja vista que também sofrem pressões decorrentes do machismo presente nessas sociedades.

Posto isso, o objetivo geral do trabalho é entender o papel social que as narrativas veiculadas pelos produtos midiáticos exercem frente aos estereótipos das mulheres asiáticas amarelas em contextos ocidentais. Para que isso seja possível, foram destrinchados três objetivos específicos. O primeiro deles é verificar se a ameaça dos estereótipos sobre essas mulheres é experienciada por personagens de produções de *streaming*, depois, entender a função das narrativas contraestereotípicas, e, por fim, oferecer instrumentos para diminuir a presença de personagens estereotipados na indústria do entretenimento.

A fim de atingirmos esses propósitos, faremos uma análise de conteúdo comparativa entre os livros de Ann M. Martin, a adaptação da Netflix da franquia

infanto-juvenil “O Clube das Babás” (MARTIN, 2012a, 2012b; O CLUBE..., 2020) e em complementaridade, estudaremos também o documentário “Geração Claudia Kishi” (2020) da Netflix sobre o impacto dessa franquia para asiáticos crescidos nos anos 1990.

No primeiro capítulo, “O mundo moldado pelos estereótipos”, observamos como os estereótipos influenciam a sociedade e a concepção de identidade dos sujeitos. De início, exploramos as estruturas sociais que sustentam os principais estereótipos presentes na sociedade, a branquitude e o machismo. Em seguida, apresentamos aqueles que exercem uma pressão específica às mulheres asiáticas amarelas. Também entendemos o que é a ameaça dos estereótipos e como ela pode se manifestar nesse grupo em questão.

No segundo, “A mídia como instituição social”, resgatamos algumas correntes de comunicação importantes para a compreensão do papel da mídia na formação da visão de mundo de seus telespectadores. Para isso, traçamos uma linha evolutiva desde a indústria cultural, de Adorno e Horkheimer (1947), até a teoria do cultivo, de Gerbner (1973), recuperando elementos significativos para entendermos como se dá a relação entre as imagens veiculadas pelos meios de comunicação e os estereótipos.

No terceiro, “Diversidade, Hollywood e Netflix”, fazemos um levantamento do panorama da diversidade de Hollywood com o intuito de averiguar se a representatividade asiática está presente ou não. Ainda, contextualizamos a plataforma de *streaming*, Netflix, como um novo meio de comunicação potencial para maior inclusão da diversidade em narrativas de amplo alcance.

Já no quarto e último capítulo do trabalho, “Análise da representatividade amarela infanto-juvenil”, analisamos a série infanto-juvenil “O Clube das Babás”. Por meio do estudo do núcleo familiar da protagonista asiática amarela, Claudia Kishi, identificamos se as três personagens femininas mais desenvolvidas, Claudia Kishi, Mimi Yamamoto e Janine Kishi, contêm traços de estereotipia ou não. E, a partir disso, conferimos se essa franquia constitui uma narrativa estereotípica ou contraestereotípica.

2 O MUNDO MOLDADO PELOS ESTEREÓTIPOS

A vida é feita de histórias. Histórias que vivemos, contamos, ouvimos e nos inspiramos, sejam reais ou fictícias, nossas ou dos outros. É com base nelas que entendemos de onde viemos, conhecemos nossas culturas, reconhecemos os lugares que ocupamos na sociedade, compreendemos o mundo ao nosso redor e criamos nossos senso de identidade e pertencimento. No entanto, toda e cada história é percebida de uma maneira única por quem as ouve, lê ou assiste. E isso acontece porque existem diversos elementos envolvidos na compreensão dessas narrativas que chegam até nós.

Um dos principais fatores neste processo são os estereótipos. Por constituírem nossa base de valores e posição social, eles são responsáveis por nos ajudar a formar e consolidar nossa visão de mundo (CABECINHAS, 2004). Através deles, conseguimos reduzir o esforço e tempo despendidos na assimilação do que acontece ao nosso redor, o que nos possibilita criar conexões entre experiências prévias e atuais e nossa cultura, de forma simplificada e econômica (LIPPMANN, 2014). Como Lippmann (2014) explica, é como se, em nossa mente, tivéssemos lentes que usamos para enxergar o mundo e por elas filtrássemos os acontecimentos vividos de acordo com as informações que existem em nosso repertório, de tal forma que nunca vejamos as coisas meramente como elas são sem atribuirmos algum juízo de valor.

Ao mesmo tempo, Pereira (2019) explica que este papel facilitador de percepção da realidade não é a única função dos estereótipos. Eles também servem à manutenção social, legitimando estruturas sociais de poder:

a psicologia social dos estereótipos, ao longo das últimas décadas de estudos e pesquisas, tem acentuado a dupla função dos estereótipos, caracterizados tanto como mecanismos que dispomos para simplificar e oferecer sustentação aos modelos de mundo que construímos e reelaboramos continuamente ao longo da nossa vida quanto como dispositivos de legitimação e justificação, oferecendo-nos meios para que possamos conviver sem muitos desconfortos em um mundo desigual e hierarquizado. (PEREIRA, 2019, p. 87).

Este segundo papel dos estereótipos nos oferece inúmeras possibilidades, incluindo lidar com as assimetrias que causam desequilíbrio nas relações sociais,

como aquelas consequentes da branquitude e do machismo. Essas duas estruturas se destacam dado o fato de que elas não só pautam as relações ocidentais e definem quais lugares os grupos considerados minoritários – mulheres, asiáticos, negros, indígenas, integrantes da comunidade LGBTQIA+¹ e Pessoas com Deficiência (PcD)² – devem ocupar; mas também pela forte influência que exercem na constituição de suas imagens e representações, tanto em situações cotidianas, quanto em narrativas fictícias.

Para entendermos como elas atuam nas dinâmicas intergrupais, começemos explicando a primeira delas. A branquitude é uma posição social simbólica amparada no racismo, na qual os brancos se mantêm em um lugar em que usufruem da manutenção de privilégios oriundos do colonialismo e imperialismo (SCHUCMAN, 2014). Esse local habitado por eles simboliza um domínio consolidado por um longo período da história ocidental e, junto aos estereótipos, é responsável pela manutenção de estruturas sociais baseadas na raça, seja essa entendida a partir do fenótipo, ascendência ou cultura dos grupos (SEYFERTH, 1994).

No momento em que os brancos se consolidam como a norma, os outros grupos étnicos passam a ser os não-brancos, sendo identificados apenas por meio da diferenciação em relação àqueles e, como tal, são estereotipados. Isso é prejudicial, pois os estereótipos raciais retiram a individualidade dos sujeitos de um grupo na medida em que os reconhecem apenas por suas similaridades (MOLINARI; BONNICI, 2009), o que leva à continuidade do apagamento cultural e histórico de tantos povos, do mesmo modo que aconteceu na época do imperialismo e colonização.

Ainda, os efeitos da branquitude não se limitam a esses expostos. Se a identidade é construída em um processo de alteridade, entre o reconhecimento de

¹ LGBTQIA+ é a abreviação utilizada para se referir à comunidade composta por pessoas de gênero e sexualidade diferentes do que a sociedade considera normativo. Fonte: Viana (2020). Disponível em: <https://www.purebreak.com.br/noticias/o-que-e-lgbtqia-descubra-o-significado-da-sigla-completa-com-o-purebreak/94600>.

² PcD é a sigla usada para se referir à Pessoa com Deficiência, seja esta deficiência física, visual, auditiva ou intelectual. Fonte: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul (2011). Disponível em:

http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/uploads/1313497232Manual_de_Redacao_AL_Inclusiva.pdf.

nós mesmos e dos outros, da mesma forma os padrões de beleza são estabelecidos entre brancos, que são lidos como belos, e os não-brancos – negros, índios e asiáticos –, que são rotulados como esteticamente inferiores (SCHUCMAN, 2014). Assim, o padrão de beleza torna exótico todos os fenótipos que não contêm esses traços brancos estabelecidos como a norma social.

Entretanto, esse padrão estético não é fruto apenas da branquitude, mas também do machismo. Com base na distinção de tratamento e posicionamento de gênero, os homens buscam assegurar seus privilégios por meio da recorrente imposição de limites à moral, intelectualidade e liberdade das mulheres. Eles fazem isso tanto ao incentivar a imposição de um padrão de beleza inalcançável, quanto ao sexualizar os corpos femininos.

Conforme Wolf (2018) explana em seu livro “O mito da beleza”, a indústria da beleza é uma instituição política criada pela sociedade patriarcal com o intuito de reprimir o potencial transformador das mulheres em um momento no qual o ambiente doméstico e a religião já não eram mais suficientes para detê-las de apoderar-se dos espaços que lhes são devidos por direito. Os padrões impostos por essa indústria buscam garantir a inferioridade das mulheres nas relações consigo mesmas, com as outras mulheres e com os homens. E isso se dá por meio de variadas frentes: padrões inalcançáveis, que geram insegurança; rivalidade feminina, que desarticula o movimento feminista; e pornografia, que sustenta o domínio masculino através da objetificação e inferiorização das mulheres pelo uso da violência no sexo.

Este último ponto, que trata da sexualização das mulheres, é um dos reflexos mais cruéis do machismo, pois retira a essência humana dos sujeitos envolvidos, objetificando-os. De acordo com Foucault (1976, 1978 apud REVEL, 2005), a sexualização é um instrumento de poder similar à economia, política, religião e moral, sendo usada pelos homens para reforçar seu *status quo* enquanto gênero dominante nas relações sociais. Ao mesmo tempo, ela também é responsável por alimentar o processo de subjetivação dos sujeitos, de tal modo que, se, por um lado, ela ajuda os homens a reforçarem sua posição de superioridade social e moral; do outro, força as mulheres a enfrentarem o conflito que é precisar lutar contra a rivalidade feminina criada pelos mesmos sistemas masculinos em que precisam

buscar espaços de legitimação. Quando este pensamento é aplicado às mulheres não-brancas, o cenário é ainda pior, uma vez que elas são fetichizadas e subjugadas, tornando-se vítimas mais suscetíveis a violências, como verificado na época da colonização da América em relação às mulheres indígenas, na escravidão com as mulheres negras e na 2ª Guerra Mundial com as mulheres japonesas, por exemplo.

Deste modo, a partir dessas perspectivas, é possível visualizar que o machismo e a branquitude desempenham uma atuação opressiva, de forma interseccional entre si. Apesar das consequências de ambas estruturas impactarem a todos os indivíduos nos mais variados tipos de relacionamentos – amoroso, profissional, familiar –, é notável que para as mulheres de grupos considerados minoritários seus efeitos são acentuados, justamente pela exoticidade e fetichização que existe em torno de suas imagens e representações.

2.1 MULHERES ASIÁTICAS AMARELAS E SEUS ESTEREÓTIPOS

No contexto das mulheres asiáticas amarelas – originárias ou de ascendência do leste asiático – que vivem em países ocidentais, como Brasil e Estados Unidos, podemos constatar que as duas causas estruturais apontadas como fonte de assimetrias dessas sociedades, o machismo e a branquitude, são as principais responsáveis pela dupla opressão que elas experimentam relativa à gênero e raça. Em razão desses fatores, elas vêm sendo estigmatizadas nas relações sociais e representadas de forma estereotipada na mídia (SANTOS; ACEVEDO, 2013; URBANO; MELO, 2018), seja social e intelectualmente pelo mito da minoria modelo ou fisicamente pela fetichização de seus corpos.

O princípio do primeiro desses embates, o mito da minoria modelo, é uma formulação norte-americana que estigmatiza e retrata os asiáticos como trabalhadores centrados, antenados à tecnologia e pouco afeitos às esferas pessoais, familiares e sociais da vida (TAYLOR; LEE; STERN, 1995). A referência como mito é justamente pela falsidade que existe por trás das imagens veiculadas nos meios de comunicação, visto que elas não retratam a realidade.

No entanto, mesmo a ideia não sendo verídica, sua existência por si só é problemática e prejudicial. Ao perpetuar uma reputação de anti sociabilidade dos asiáticos amarelos, o mito da minoria modelo conserva a noção que os brancos tinham em relação aos amarelos no início dos fluxos migratórios americanos nos séculos passados, como indivíduos incompatíveis com a cultura local e que ameaçavam a tentativa de embranquecimento da população. No Brasil, esse ponto de vista inclusive justificou a negação dos amarelos enquanto elementos a serem considerados na formação da nacionalidade brasileira (HIGA, 2015). E essa imposição gerou consequências que são sentidas até os dias de hoje por seus descendentes e novos imigrantes, já que os asiáticos amarelos continuam sendo lidos como eternos estrangeiros, apesar de estarem no país há gerações.

Além disso, essa leitura de minoria modelo também retira a individualidade dos sujeitos, como é do feitio dos estereótipos, acentuando a dificuldade das pessoas amarelas em encontrar pertencimento nas comunidades em que estão inseridas. Isso é negativo tanto para aquelas que não correspondem às expectativas de serem boas em matemática ou *workaholics*³; quanto para as que gostam de tecnologia ou têm o perfil mais introspectivo, por exemplo. Àquelas é nocivo por diminuir a sensação de pertencimento, uma vez que podem sentir que não se encaixam nem em seu próprio grupo; e a essa é maléfico, porque, quando uma de suas características corresponde a um desses rótulos, costumamos esperar que todas as demais também se confirmem, o que acaba limitando suas identidades.

Somado a isso, como se a questão grupal não fosse suficiente, elas ainda precisam lidar com um dilema particular em torno da própria identificação do que é a feminilidade para elas, tendo em vista que, diferente da forma que acontece para as brancas, esse processo de se afirmarem sujeitos femininos nesses ambientes não implica somente em se desvincilar das influências perpetuadas pelo mito da minoria modelo, mas também em romper com as imagens extremas e opostas entre meninas fofas e ingênuas e mulheres frias e assertivas que são cultivadas socialmente (GREEN; KIM, 2005). Deste modo, o hibridismo cultural em seus corpos e narrativas levam as mulheres asiáticas amarelas à sensação de não

³ Termo em inglês para se referir às pessoas que trabalham muito e têm a profissão como prioridade em suas vidas.

pertencimento mesmo nas comunidades em que estão inseridas, uma vez que questões exteriores em relação ao gênero, apropriação cultural e embranquecimento parecem não ter respostas (LEE; MANGHIRMALANI; HIGA, 2019).

Nesta mesma linha, outra adversidade que as mulheres asiáticas precisam confrontar é a maneira que seus corpos são tratados pela sociedade. Para explicá-la, três fatores são determinantes: os padrões de beleza, a indústria pornográfica e as guerras de colonização. Os dois primeiros justificam-se por tornar exótica toda mulher não-branca, instigando a curiosidade dos outros, como se seu corpo fosse público para ser explorado; além de contribuir ativamente para a sexualização, objetificação e fetichização dessas mulheres. Já o último remonta exatamente à origem da fetichização e é explicado por Lee, Manghirmalani e Higa (2019):

histórica e politicamente, corpos femininos asiáticos foram afastados de sua agência enquanto pessoa no que tange sua individualidade, personalidade e subjetividade. A desumanização pela alienação e pela retirada do direito à identidade objetifica a mulher racializada por meio da constante permissividade em colonizar esse corpo como o *outro* através de relações de poder. Assim, o desejo pelo arquétipo da mulher asiática passiva e subordinada é um desejo imperialista do homem branco e tal desumanização abre precedentes para a naturalização da violência. (LEE; MANGHIRMALANI; HIGA, 2019, p. 130, itálico das autoras).

Esses fatores combinados são fonte de diversos estereótipos atrelados às amarelas, que as acompanham ainda novas, quando sequer entendem ao certo o que eles significam. Esses estereótipos continuam a exercer influência, mesmo que inconscientemente, no processo de subjetivação delas, ajudando a moldar sua personalidade, atitudes e comportamentos. E, à medida em que elas adquirem consciência sobre eles e seu *modus operandi*, ou passam a questioná-los com a intenção de se distanciarem, ou a reforçá-los em suas personalidades e atitudes.

Independente da decisão das mulheres asiáticas frente à essa realização sobre o poder que os estereótipos exercem na constituição de sua identidade, retrair a interferência desses neste processo é uma tarefa imensamente difícil. Esta dificuldade reside no fato de que as imagens e representações difundidas socialmente e na mídia reforçam estes estereótipos de um jeito restritivo e contraproducente, tanto em propagandas que sustentam as ideias de passividade e

pouca afeição à sociabilização (SANTOS; ACEVEDO, 2013), quanto em programas televisivos que fazem chacota e corroboraram para a exoticidade (URBANO; MELO, 2018).

Porém, apesar de ser uma atividade desafiadora, ela é fundamental para que sejam pensadas maneiras de combater esses estereótipos, de forma que eles não continuem a criar imagens irreais que dificultam a autopercepção e vivências comunitárias das mulheres amarelas. Deste modo, um dos primeiros passos é refletirmos o impacto que esses estereótipos podem conferir às esferas da vida das asiáticas amarelas para além de suas próprias identidades.

2.2 A AMEAÇA DOS ESTEREÓTIPOS

Por mais que os estereótipos sejam úteis à compreensão de mundo e formação de identidade dos indivíduos, dependendo de como eles são construídos e reverberados na sociedade, podem desempenhar um efeito danoso aos sujeitos que estão sendo referenciados. Isso pode acontecer pela associação a características negativas que contribuem para o preconceito contra determinado grupo ou até mesmo pelo cultivo de noções falsas em torno deles. E as consequências que essas correlações podem provocar na saúde mental, psicológica e emocional, e no desempenho dos sujeitos em suas atividades são estudadas pela ameaça dos estereótipos (ARONSON et al., 1999; SANTOS, 2018).

Segundo Santos (2018), a ameaça dos estereótipos é

uma teoria que comprehende as formas e dimensões do impacto dos estereótipos na cognição do sujeito ameaçado. Esta teoria pode ser definida a partir da compreensão de que ela se processa em um contexto psicossocial que surge a partir de estereótipos negativos compartilhados a respeito de um grupo; ao qual o sujeito membro, perceba que na execução de uma determinada tarefa, cujo estereótipo negativo tenha significância para realização dela, se desenhe uma possibilidade dele confirmar o estereótipo a respeito de seu grupo e, consequentemente, confirmar como característica individual a estereotipia negativa de seu grupo. (SANTOS, 2018, p. 57).

Contudo, estudos conduzidos por Aronson et al. (1999) comprovaram que a ameaça dos estereótipos não está restrita a indivíduos pertencentes a grupos

considerados minoritários. Apesar deles serem alvos de estereótipos de maneira mais clara e sentirem os efeitos dessa ameaça mais frequente e diretamente devido aos diversos gatilhos que impulsionam esses sentimentos, ela também pode se manifestar de forma indireta e pontual em sujeitos que, quando submetidos a situações específicas em que precisam provar uma crença relativa ao seu grupo, acabam tendo sua performance afetada. Desta forma, por mais que esta teoria esteja baseada nas opressões e verticalizações de poder entre os grupos sociais na sociedade e como estes estereótipos influenciam na performance e autopercepção deles (LEITE; BATISTA, 2011), ela não está restrita a estereótipos necessariamente classificados como negativos, que desqualificam o grupo ao qual se designam.

Esse é um dado importante, pois nos possibilita vislumbrar as pressões experimentadas pelas mulheres asiáticas amarelas também como produtos da ameaça dos estereótipos, mesmo que socialmente o estereótipo em si não tenha uma conotação ruim. Por exemplo, o mito da minoria modelo propaga a ideia de que os asiáticos são profissionais sérios e dedicados que tendem a ter sucesso na carreira, o que, teoricamente, é uma boa associação na lógica capitalista. Entretanto, quando a perpetuação de estereótipos é ligada exclusivamente à esfera profissional, cria-se uma pressão exacerbada sobre os asiáticos para que eles correspondam às expectativas de sucesso e tenham carreiras em áreas de negócios e tecnologia, o que acaba reduzindo as expectativas de prosperidade familiar e pessoal (TAYLOR; LEE; STERN, 1995). Logo, o que é visto como algo favorável pelos demais, não necessariamente têm reflexos positivos ao grupo.

Além disso, também existem casos em que imagens externas, ainda que não diretamente relacionadas ao grupo, acabam pressionando estereótipos específicos. É o que acontece com as mulheres amarelas que vivem em culturas ocidentais, mas pertencem a famílias que ainda conservam muitos aspectos da cultura oriental. Ao precisarem lidar com expectativas diferentes dentro e fora de casa, há uma tendência a entrarem em conflitos internos e familiares, posto que, de um lado, espera-se que elas ocupem posições de submissão; e, do outro, no mundo exterior, há cada vez mais imagens e figuras de mulheres fortes, autônomas e independentes (CHANG et al., 2017).

Ademais, os impasses experimentados especialmente por jovens asiáticas amarelas de ondas migratórias mais recentes também podem gerar problemas mais profundos no que tange à saúde mental delas. Principalmente no período da adolescência, a busca pelo equilíbrio entre as expectativas, mensagens e imagens que duas culturas tão distintas elaboram a respeito delas pode gerar conflitos e estresse, que acabam acarretando em baixa autoestima, dificuldade em estabelecer relacionamentos interpessoais e até mesmo depressão (LORENZO; FROST; REINHERZ, 2000).

Em vista disso, sabendo que os estereótipos podem desencadear problemas no que compete a questões como autoestima, saúde mental e relações interpessoais, é preciso que os agentes que os elaboram e difundem o façam com os devidos cuidados. Tal responsabilidade concerne aos indivíduos, enquanto protagonistas de suas relações; à legislação, como mediadora legal da sociedade; às instituições sociais, que coordenam e legitimam as imagens e representações dos grupos que nelas se relacionam; e, portanto, à mídia, que funciona como instituição social e opera por meio de narrativas reais e fictícias em noticiários, propagandas, programas televisivos, filmes, séries, seriados, documentários, podcasts, *reality shows* e tantas outras formas imagináveis.

3 A MÍDIA COMO INSTITUIÇÃO SOCIAL

A influência social exercida pela mídia na construção da identidade dos sujeitos e na posição que eles ocupam nas relações sociais é um tema recorrente de estudos e debates (ADORNO; HORKHEIMER, 1947; GERBNER, 1973; KELLNER, 2001; SILVERSTONE, 2002; HALL, 2005; THOMPSON, 2008; PEREIRA, 2019). A combinação entre a capacidade de reinvenção tecnológica dos meios de comunicação e o surgimento de novas questões sociais faz com que esse seja um assunto que retorna ao centro da discussão na mesma velocidade em que alguma novidade surge, seja essa uma plataforma de *streaming* ou a urgência de grupos considerados minoritários em desconstruir estereótipos ligados a si, por exemplo.

Os primeiros estudos sobre o caráter social da comunicação estão atrelados aos veículos de massa e são abordados pela teoria crítica nos anos 1930, quando a Escola de Frankfurt é inaugurada. Dentro desta linha de pesquisa, Adorno e Horkheimer (1947) elaboraram o conceito de “indústria cultural”, que estabelece uma relação entre a cultura e os produtos dessa indústria enquanto mercadorias do sistema capitalista. Para eles, os bens produzidos por essa indústria são orientados concomitantemente ao lucro e à manutenção das estruturas sociopolíticas, uma vez que obedecem às normas ditadas por aqueles que detêm o poder de produção e decisão.

Por precisarem obedecer a essa lógica, esses objetos buscam atender às necessidades dos consumidores e, para isso, utilizam-se de conteúdos extremamente estereotipados e repetitivos. Neste sentido, as mercadorias acabam sendo padronizadas, diferindo-se somente em aspectos superficiais – como preço, local e formato – para atenderem ao objetivo de se adequar às expectativas das diferentes classes sociais e serem adquiridos por todas elas. Desta forma, a sensação de liberdade de escolha entre as diversas opções disponíveis no mercado não passa disso, uma sensação, já que essa liberdade não existe de verdade, posto que todas elas carregam a mesma ideologia e propósito de dominação.

Os autores ainda identificam a vontade dessa indústria em garantir a imutabilidade deste contexto para que ela possa manter sua posição privilegiada enquanto detentora do controle social. Atuante também na vida cotidiana de seus

espectadores como agente de socialização, ela busca domá-los por meio da supressão de suas imaginações e espontaneidades. Essa manipulação é feita através da diversão e do entretenimento, tendo em vista que a diversão significa concordância e essa só se revela quando a capacidade de reflexão sobre aquilo que é consumido se esvai (ADORNO; HORKHEIMER, 1947). Deste modo, embora este raciocínio da indústria cultural desconsidere a possibilidade de uma postura ativa, questionadora e reflexiva dos receptores de suas mensagens, é ela quem abre as portas para os estudos seguintes sobre a abordagem social da comunicação.

Na década de 1960, as pesquisas de análise social dos meios de comunicação de massa foram continuadas pelos estudos culturais britânicos, que se voltaram à interferência que os sistemas de dominação hegemônicos e contra hegemônicos podem ter nos produtos da mídia. Hall (2005), um dos teóricos expoentes desta vertente de pesquisa, explica que esses estudos se propõem a ser uma atividade de auto reflexão intelectual e análise crítica das mudanças do mundo. Considerando tanto as mudanças sociais e culturais, quanto os significados e ressignificações que embasam o pensamento e as relações sociais dos sujeitos na vida cotidiana e acadêmica, a mídia é entendida como um elemento constituinte de tudo aquilo que ela veicula e não algo separado, descolado da realidade.

Quanto aos conteúdos dos meios de comunicação, o estudioso ressalta que a ausência de temas relativos a grupos de indivíduos específicos – e aqui leia-se minorias⁴ – também revela bastante sobre como as estruturas sociais e midiáticas funcionam. Pensando nos sistemas que operam socialmente, a predominância de narrativas brancas e de estereótipos raciais confirmam o medo que existe perante o diferente. O problema decorrente destas questões é que a reprodução contínua de velhas estruturas impede a desconstrução dessas lógicas prejudiciais aos grupos que nelas são retratados e não se veem representados adequadamente (HALL, 2005).

Junto à indústria cultural, os estudos britânicos foram importantes para que se começasse a pensar com criticidade a cultura veiculada. A partir das reflexões trazidas por essas duas frentes de estudo, levantamos questionamentos como: em

⁴ Neste trabalho, o termo “minorias” é utilizado como sinônimo de “grupos considerados minoritários”.

qual grau as mensagens da mídia operam no imaginário de seus receptores? Em quais dimensões da vida provocam interferências consideráveis?

Uma das teorias que busca dar luz a estas indagações é a teoria do cultivo, formulada por Gerbner em meados dos anos 1970. Para Gerbner (1973), a comunicação de massa e seus meios técnicos possuem um papel institucional na sociedade que, apesar de não ser imposto aos indivíduos, sem dúvida exerce influência na formulação de suas identidades, gostos e preferências. Isso se dá em virtude do impacto que as imagens cultivadas pela mídia causam durante o crescimento, aprendizado e vivência em sociedade de cada um deles. E é especificamente sobre essas imagens cultivadas pelas mensagens da mídia que a teoria do cultivo se concentra, observando a existência de padrões em sua produção, composição, estrutura e características.

Para entendermos com maior profundidade, o autor aponta a necessidade de compreender duas esferas anteriores a ela: os processos institucionais e os sistemas de mensagens. O primeiro deles verifica a relação entre a mídia de massa e outras instituições buscando entender a função da mídia na sociedade. A partir desse vínculo, identificamos que a mídia de massa possui modos próprios de exercer poder e pressão. Por meio de mensagens pré-estabelecidas por aqueles que detêm o poder dessa instituição, ela determina não só o que será ou não comunicado, mas também a forma que isso será feito. Já o segundo item analisa o poder simbólico das mensagens e quais consequências elas podem ter nos sujeitos. A despeito disso, constatamos que elas são responsáveis por criar um mundo imaginário por meio do qual entretém os indivíduos, ao mesmo tempo em que exercem poder sobre seus pensamentos e ações. Mediante representações associadas às suas vidas e temas de interesse coletivo, estas mensagens desempenham uma função que ultrapassa o caráter informativo, encarregando-se também da formação de opinião e visão de mundo destes sujeitos.

Desta maneira, a partir destes vínculos firmados entre os processos institucionais e sistemas de mensagens, a teoria do cultivo visualiza a comunicação como um elemento cultural que cultiva as imagens compartilhadas socialmente, tal como as estruturas, ideologias e padrões que atuam por trás delas. Por esta perspectiva, vislumbramos a comunicação como uma das bases necessárias para a

manutenção ou ruptura de pensamentos compartilhados em uma cultura, uma vez que são pelos símbolos disseminados por ela que os indivíduos apreendem desde a infância os elementos que vão ajudá-los a formar sua identidade e compreensão de mundo.

Por fim, similar ao que Hall (2005) destaca nos estudos culturais, Gerbner (1973) alerta que é impossível os indivíduos cultivarem imagens daquilo que nunca é retratado pela mídia, ou então, que não é exibido na proporção e frequência necessárias para integrar seus repertórios. Portanto, baseado nesta constatação, é possível afirmarmos que a aparição de representações diversificadas que contemplam efetivamente grupos considerados minoritários parece ser essencial para a construção de identidade e geração de empatia pelos sujeitos. E este ponto de vista é relevante principalmente ao verificarmos que, diferente do que se acreditava anteriormente na indústria cultural, os espectadores integram uma comunicação dialógica com os produtos midiáticos e, por isso, são instigados a repensar suas ideias dependendo daquilo que veem sendo veiculado nos meios de comunicação.

3.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA COMUNICAÇÃO MEDIADA

A concepção do papel ativo dos receptores no processo comunicacional foi um divisor de águas para os estudos da comunicação mediada – isto é, dos meios de comunicação e produtos midiáticos. Desconstruir a ideia de que a mídia implica em uma comunicação de via única, sem possibilidade de reflexão e resposta por parte dos indivíduos, permitiu o desenvolvimento de novos entendimentos sobre essa relação. Dentre esses, destacamos as propostas que surgem a respeito do papel intermediador da mídia na construção de identidade e produção de significados.

A ideia de cultura da mídia apresentada por Kellner (2001) é uma delas. Por meio desse conceito, o autor espera que as terminologias de cultura e meios de comunicação deixem de interferir no objetivo principal da discussão, que é focar no “[...] circuito de produção, distribuição e recepção por meio do qual a cultura da mídia é produzida, distribuída e consumida” (KELLNER, 2001, p. 52). Segundo ele,

tudo aquilo que é veiculado pelos meios de comunicação têm o potencial de ser utilizado como referência para a formação intelectual daqueles que recebem as informações. Esse fenômeno acontece porque o processo interpretativo engloba não apenas os textos e públicos, mas também as relações e instituições sociais existentes. Assim, uma vez que os estereótipos intermedium as relações sociais e constituem parte dos produtos midiáticos, podemos pensar que eles também servem para reafirmar estruturas sociais e imagens associadas a determinados grupos.

Para entendermos melhor o impacto das mensagens que são transmitidas pelos meios, é necessário estudarmos mais a fundo um elemento central desse sistema, que é o receptor. Para isso, Thompson (2008) formula algumas considerações relevantes sobre a maneira que se dá a participação dos sujeitos na recepção dos produtos da mídia. Em primeiro lugar, trata-se de um fenômeno ativo e criativo, no qual os indivíduos interpretam os fatos de acordo com as próprias vivências e contextos em que estão inseridos. Em segundo, por serem produções situadas em espaço e tempo específicos, os efeitos que elas causam nos telespectadores variam conforme tais. Em terceiro, por ser uma atividade de rotina, ela é assimilada consoante ao cotidiano dos sujeitos. Em quarto, como uma realização especializada, depende das competências e habilidades dos receptores. Por fim, sendo um processo hermenêutico, o sentido e reflexões obtidos pelos produtos midiáticos não dependem apenas da percepção individual dos indivíduos, mas também daquelas partilhadas pelos grupos em que estão inseridos.

Estas constatações são expressivas, porque, a partir delas, comprovamos que a mídia não integra um processo unilateral como se acreditava anteriormente. Pelo contrário, ela é vislumbrada em uma associação dialógica, na qual os sujeitos transformam e são transformados pela mediação, e por meio dessa constroem significados e ressignificam o mundo ao seu redor, como explicado por Thompson (2008):

nossa compreensão do mundo e do lugar que ocupamos nele vai se alimentando dos produtos da mídia, do mesmo modo a nossa compreensão dos grupos e comunidades com que compartilhamos um caminho comum através do tempo e do espaço, uma origem e um destino comuns, também vai sendo alterada: sentimo-nos pertencentes a grupos e comunidades que se constituem em parte através da mídia. (THOMPSON, 2008, p. 38).

Ciente dessa função desempenhada pela mídia, é relevante pensarmos que o modo que os conteúdos da mídia selecionam e apresentam determinados estereótipos têm o poder de influenciar a formação da identidade do sujeito, já que é através desta interação entre experiências concretas e criadas, reais e fictícias, que o processo de subjetivação acontece. Diante disso, é compreensível quando os indivíduos se sentem pessoalmente tocados por personagens ou situações que tem semelhança consigo mesmos e suas vidas, pois, como Silverstone (2002) afirma, é na vida real, cotidiana, que a mídia desempenha sua função primordial, dado que os recursos oferecidos à produção e manutenção do senso comum permitem aos receptores estabelecer paralelos entre a própria vida e o que é visto na tela.

Ainda, o caráter pessoal que os conteúdos midiáticos assumem torna crucial entender que a maneira pela qual os estereótipos são abordados na mídia importa tanto quanto a frequência em que aparecem, visto que um maior volume de representações pode significar abrir portas mais diversas para os indivíduos descobrirem suas próprias possibilidades enquanto seres únicos. Entretanto, é necessária uma ressalva: essa aparição precisa ser próxima da realidade, especialmente quando falando de grupos considerados minoritários, a fim de evitar nos deparamos com o *whitewashing*⁵, *yellowface*⁶ e outras formas que os brancos encontraram de se adaptar aos novos contextos e manter sua posição de poder e privilégio, mesmo que isso significasse reformular as lógicas hierárquicas e identitárias (URBANO; MELO, 2018).

Sabendo que estes mecanismos encontrados pelos brancos de assegurar seus lugares de privilégio se manifestam na mídia e, a partir do conhecimento que se têm a respeito do efeito destas imagens na construção da percepção dos indivíduos em relação a si mesmos e aos outros, é necessário trazermos a atenção

⁵ Neste trabalho, *whitewashing* refere-se aos casos em que brancos interpretam papéis de personagens que, originalmente, deveriam ser asiáticos. É o que ocorreu, por exemplo, na novela “Sol Nascente” estreada na Globo em 2016. Nela, a protagonista de descendência nipônica, Alice, foi interpretada por Giovanna Antonelli, uma mulher branca. E o mesmo ocorreu com o pai de Alice, Kazuo Tanaka, que foi interpretado por Luis Melo, um homem também branco (OLIVEIRA, 2020).

⁶ Neste trabalho, *yellowface* é o termo utilizado para nomear ocasiões em que pessoas de outras etnias se produzem de forma a tentar imitar asiáticos amarelos, seja usando roupas típicas, como kimono, seja fazendo maquiagens que deem a ilusão de olhos mais puxados, por exemplo. Em 2014, isso foi visto na novela “Geração Brasil” da Globo, em que Rodrigo Pandolfo, um ator branco, usava uma maquiagem exagerada para forçar a ideia de olhos puxados ao interpretar o personagem sul-coreano Shin-Soo (OLIVEIRA, 2020).

para as narrativas. Por elas serem o elemento chave dos produtos midiáticos, dependendo de como elas são elaboradas, elas podem ou reforçar as ideologias dominantes ou atuar como ferramentas de resistência e luta em benefício de causas contra-hegemônicas. Por isso, é preciso que sua construção e definição de abordagem sejam feitas de forma cautelosa.

Esse cuidado recai, sobretudo, naquelas narrativas relativas aos grupos considerados minoritários, haja vista que as representações de minorias na mídia reforçam também as imagens percebidas pela sociedade (SANTOS; ACEVEDO, 2013) e, portanto, os discursos da comunicação e produções midiáticas exercem um papel fortíssimo na elaboração e compartilhamento de estereótipos que oprimem e invisibilizam esses (LEITE; BATISTA, 2011). Sendo assim, é necessário um empenho no incentivo de tramas com características suficientes poderosas para abordar raça, gênero, sexo e deficiência sem estereotipá-los e reduzi-los a ideias generalizantes e limitantes; promovendo, desta forma, uma cultura que busque desconstruir e desestimular preconceitos com o diferente.

3.2 NARRATIVAS CONTRAESTEREOTÍPICAS

O papel social exercido pela mídia na constituição da identidade e pertencimento dos indivíduos está fortemente vinculado aos estereótipos e a forma como esses são retratados e reforçados nas produções midiáticas, já que ambos auxiliam na compreensão de mundo dos sujeitos. Assim, da mesma forma que os produtos culturais serviram para potencializar a disseminação dos estereótipos que são conhecidos atualmente, é importante que, agora, eles utilizem esse poder para realizar o inverso: desconstruir estes estigmas que são prejudiciais aos grupos considerados minoritários e preservam os preconceitos existentes contra eles (LEITE; BATISTA, 2011).

Neste processo, esperamos notar uma verdadeira intenção de promover mudanças por meio do entretenimento e da ficção. Trata-se de algo maior do que simplesmente criar narrativas que estejam de acordo com o politicamente correto. É dar voz aos grupos considerados minoritários. É colocá-los em papéis de protagonismo para que se promova a diversidade existente dentro das próprias

minorias. É parar de destinar somente funções secundárias a eles, como se fossem uma cota de diversidade a ser cumprida. É promover uma representatividade que realmente se aproxime da realidade. E, para isso, é necessário que as narrativas apresentem não só uma maior variedade de perfis e papéis, mas também desenvolvam melhor aspectos relevantes, como a profundidade das personagens e de seus relacionamentos.

Dito isto, as narrativas que se propõem a quebrar esses paradigmas ultrapassados e transformar as imagens provenientes deles são as narrativas contraestereotípicas. O modo como elas surgem e se constituem pode ser compreendido pelo quadro que Pereira (2019) elaborou (Quadro 1). Neste, o autor elenca alguns critérios que podem ser utilizados para identificar narrativas estereotipadas e, a partir delas, propõe dispositivos pelos quais aspira corrigi-las e transformá-las em narrativas contraestereotípicas.

Quadro 1 – Critérios para identificar estereótipas e construir narrativas contraestereotípicas

CRITÉRIO	É PROVÁVEL QUE FAÇA O USO DE ESTEREÓTIPOS SE	VOCÊ PODE TENTAR CORRIGIR SE
CONSTRUCTOS		
1. TRAÇOS PSICOLÓGICOS	COMPARTILHADOS	METAS
2. ESTEREÓTIPOS	EXPECTATIVAS	VALORES
RELAÇÕES PARTE-TODO		
3. HOMOGENEIDADE	HOMOGENEIDADE	HETEROGENEIDADE
4. DIFERENCIADA	SEGREGAÇÃO	INCLUSÃO
TEORIA ANTROPOLOGÍCA		
5. ESTABILIDADE	BUSCA DE CONSISTÊNCIA	MUDANÇA
6. CRESCIMENTO	PERMANÊNCIA	APERFEIÇOAMENTO

Fonte: *design* de autoria nossa com conteúdo de Pereira (2019, p. 99).

De acordo com Pereira (2019), o primeiro critério, dos traços psicológicos, é usado de forma estereotipada quando uma característica individual é comum a todos do mesmo grupo. No caso das mulheres asiáticas amarelas poderíamos mencionar, por exemplo, ser uma aluna que tira boas notas, já que é uma característica

altamente disseminada pelo mito da minoria modelo e verificada com frequência nos produtos midiáticos. Já o segundo preceito, dos estereótipos, diz respeito a crenças compartilhadas pelo grupo social. Quando aplicado aos asiáticos, como outro reflexo do mito da minoria modelo, ele pode se manifestar pela convicção de que o sucesso profissional é mais importante do que a satisfação pessoal e, portanto, deve ser a prioridade na vida dos indivíduos.

Para evitar que estes dois constructos se manifestem de forma estereotipada, é sugerido que as personagens elaboradas sejam orientadas por valores que não se restrinjam nem a situações nem a grupos específicos. A ideia é que sejam princípios que guiem suas vidas e sonhos, como o auto aperfeiçoamento, a transcendência e a abertura. Para as mulheres amarelas, isso poderia ser feito dando mais espaço para personagens que sejam protagonistas e tenham suas personalidades e individualidades trabalhadas com maior profundidade, ao invés de relegá-las meramente a papéis secundários.

O terceiro parâmetro, da homogeneidade, aborda a questão de membros do mesmo grupo étnico compartilharem não somente semelhanças físicas, mas também psicológicas. Para romper com essa estereotipia, o ideal é incluirmos atributos substanciais de comportamento e personalidade, de forma a individualizá-los e distingui-los. Esse é, inclusive, um dos principais pontos de atenção ao analisar as representações de grupos considerados minoritários, uma vez que costuma haver uma associação padrão de atitudes esperadas para cada minoria. No cenário das asiáticas, isso é conferido habitualmente pela atribuição de marcas como *nerd*, *fofa* e *tímida*.

A quarta medida, da diferenciação, trata tanto de clubes marcados por exclusividade, quanto da desqualificação do sofrimento do outro e humor com base nisso, além de ironia e estranheza com o diferente. Com o intuito de reprimir a segregação e chacota em cima do grupo representado, o autor sugere a introdução da inclusão social por meio da solidariedade, abertura e tolerância com os demais. Uma das formas mais simples de fazer isso é idealizando famílias e/ou comunidades interraciais, visto que a naturalização ajuda a retirar a exoticode em torno das asiáticas amarelas.

O quinto fundamento, da estabilidade, prevê a repetição sistemática de traços, atributos e situações vinculados a um grupo e uso desses para humor. Para driblá-la, é recomendado explorar novas possibilidades que tragam surpresa, casos novos e inesperados e mudar o tom da narrativa. Deste modo, ao invés de continuarem fazendo piadas antiquadas sobre o sotaque dos imigrantes ou sobre particularidades de sua aparência, como os olhos puxados, uma proposta viável é focarmos nos desdobramentos que podem ocorrer em suas vidas em um novo lugar, nos desafios e aventuras que novos relacionamentos podem trazer.

O último critério, de crescimento, ocupa-se de características permanentes e imutáveis relativas aos sujeitos de um mesmo gênero e/ou de gerações de um mesmo núcleo. Para contornar as narrativas que fazem uso desse recurso e torná-las contraestereotípicas, o autor aconselha explorar o potencial de mudança e crescimento intrínseco do ser humano. Uma sugestão é justamente explorarmos as múltiplas personalidades e identidades que as amarelas podem ter, independente de sua raça, ou então, demonstrarmos que as diferenças geracionais existem mesmo em núcleos não-brancos, já que é algo que extrapola a etnia e concerne às experiências em sociedade.

Esses parâmetros destrinchados por Pereira (2019) constituem um excelente ponto de partida para a apreensão dos esforços que podem ser empregados nas narrativas, de maneira a fugir da estereotipia que é tão comum aos produtos culturais. Porém, Batista (2019) alerta que devemos ter cuidado quanto ao modo que essas informações contraestereotípicas são abordadas, pois há um risco de endossar percepções preconceituosas ao invés de corroborar para mudança de crenças. Isso se deve ao fato de que persuadir o receptor a aceitar com naturalidade imagens e papéis que divergem dos quais ele já está habituado é um processo mais difícil, uma vez que exige um maior esforço de entendimento e assimilação por parte dele.

No entanto, apesar dessa ressalva e ainda que diante de inúmeras maneiras pelas quais a estereotipia pode se fazer presente, percebemos que a idealização de narrativas contraestereotípicas é algo possível. Aliás, mais do que possível, é necessária para que a existência dos grupos considerados minoritários deixe de ser invisibilizada e torne-se menos dolorosa em uma sociedade na qual ainda operam

estruturas sociais tão opressivas às suas vivências. E, para isso, ansiamos que os novos produtos culturais e midiáticos que vierem a surgir tenham um olhar mais reflexivo para questionar as antigas estruturas, corajoso para combater as lógicas vigentes, prudente para evitar a repetição do erro e criativo para transcender a mesmice.

4 DIVERSIDADE, HOLLYWOOD E NETFLIX

Nos últimos anos, diversidade e representatividade foram dois temas que ganharam enfoque na indústria cinematográfica hollywoodiana, sobretudo após o movimento virtual *#OscarsSoWhite* na rede social Twitter em 2016, quando os internautas questionaram e contestaram veemente a nomeação quase exclusiva de brancos às categorias de premiação do Oscar daquele ano. De lá para cá, há uma cobrança maior de ambos, espectadores e artistas, em relação a estes temas. Não apenas quanto ao Oscar, mas também ao Emmy Awards, que é voltado a premiações de séries.

Em 2018, por exemplo, a abertura do Emmy Awards foi marcada por críticas à baixa representatividade de grupos não-brancos e à falta de reconhecimento de seus talentos em Hollywood. Os apresentadores comentaram ironicamente a suposta resolução deste problema citando a nomeação de Sandra Oh, que em 70 edições da premiação, foi a primeira mulher asiática nomeada a concorrer o prêmio de Melhor Atriz em Série de Drama (VILLA, 2018), como se essa única indicação suprisse toda a problemática da representatividade asiática amarela.

Embora mobilizações de grupos considerados minoritários buscando por visibilidade e equiparação de direitos e oportunidades tenham sido cada vez mais fortes e resultado em progressos nos mais diversos âmbitos da vida social, do artístico e esportivo até o acadêmico e profissional; no que concerne a Hollywood, apesar de alguns avanços sutis terem sido observados em termos de representatividade nas telas, o caminho a ser percorrido para que haja um equilíbrio verídico entre a diversidade conferida na vida real e na ficção ainda parece bastante longo.

Segundo o Relatório de Diversidade de Hollywood de 2020 (HUNT; RAMÓN, 2020), que levantou dados da indústria cinematográfica norte-americana em 2019, os asiáticos e latinos correspondem ao maior percentual de frequentadores de cinema. Dois países do leste-asiático, China e Japão, são os maiores mercados cinematográficos do mundo. Entretanto, por mais que os produtos sejam consumidos por uma parcela expressiva de asiáticos amarelos, dos filmes analisados no estudo somente 5% do elenco deles era asiático. Quando verificado o

percentual de mulheres asiáticas em comparação ao todo, o número cai para 2%. E as estatísticas são ainda piores quando examinamos a quantidade de asiáticas amarelas em cargos de direção e roteiro: aproximadamente 1,4% em ambos os casos.

Ainda, olhando dados dos grupos considerados minoritários como um todo, apesar deles corresponderem a mais de 40% da população estadunidense, nos papéis de protagonismo apenas 3 em cada 10 atores são indivíduos não-brancos. Já na questão de gênero, embora as mulheres representem 50% dos norte-americanos, as funções de liderança da indústria cinematográfica continuam concentradas nas mãos de homens brancos. E a interligação entre esses dados é clara.

O perfil daqueles que ocupam posições de decisão é o mesmo daqueles que estabeleceram a branquitude e o machismo como estruturas sociais determinantes na sociedade, logo, eles seguem compactuando com essas estruturas e trabalhando para a manutenção de tais. E, da mesma forma, o fazem indiretamente com os subprodutos dessas lógicas, como os estereótipos. Neste raciocínio, o importante é que tudo se mantenha como está, estagnado e sem novidades, de modo a não ameaçar o *status quo*.

Contudo, embora o cenário pareça desanimador, nem tudo está perdido. Este mesmo relatório (HUNT; RAMÓN, 2020) identificou que, em 2018, o filme preferido da audiência asiática foi “Podres de Ricos”, uma comédia romântica que teve o elenco predominantemente asiático e trouxe personagens com as mais variadas personalidades. Uma obra cinematográfica que foge totalmente do que se estava acostumado a ver no que diz respeito aos asiáticos, não só foi produzida pela indústria hollywoodiana, como também foi a preferida deste público específico. Talvez pela verossimilhança com a realidade, talvez pela visibilidade e representatividade menos estereotipada em uma indústria tão poderosa. A justifica em si não importa, mas o que ela revela sim: narrativas com representatividade asiática amarela, para além da estereotipia habitual, são de fato importantes e possuem público consumidor para tal.

Pensando nisto, uma alternativa demonstra ser um fio de esperança para narrativas menos estereotipadas: as novas tecnologias de comunicação. A invenção

da plataforma de entretenimento por *streaming* revolucionou o consumo dos produtos midiáticos e, consequentemente, as empresas de entretenimento. Com a possibilidade dos telespectadores poderem assistir filmes e séries quando e onde estivessem, e por um preço mais acessível do que a assinatura de televisão a cabo ou até mesmo o cinema, o alcance das produções de filmes, séries e documentários foi potencializado, resultando em um intercâmbio de produções entre diversos países e culturas.

A Netflix, que foi pioneira nesse segmento, está presente em mais de 190 países e conta com mais de 190 milhões de assinantes pagantes, segundo os dados disponíveis em agosto de 2020⁷. Inicialmente com títulos predominantemente alugados e comprados de outras marcas, a empresa começou a sentir necessidade de produzir criações originais no momento em que seu modelo de negócio se mostrou um sucesso e suas concorrentes, como Disney+ e Amazon Prime, , espelharam-se em seu êxito e passaram a investir no desenvolvimento de suas próprias plataformas. Desta forma, percebendo que seria uma questão de tempo até as concorrentes retirarem suas obras de seu catálogo e começarem a lutar pelo oferecimento exclusivo de títulos que outrora estavam disponíveis apenas ali no formato *on-demand*, a Netflix começou a expandir os seus negócios, deixando de ser apenas uma distribuidora, para se tornar também uma produtora de conteúdos de *streaming*.

Neste ramo, a empresa norte-americana resolveu investir em narrativas diversas com protagonistas não-brancos, LGBTQIA+ e PCD, o que é expressivo se pensarmos no impacto positivo que isso pode causar nos quatro cantos do mundo, uma vez que esta mesma cultura norte-americana têm exportado seu estilo de vida e produtos a nível global e provocado novas formas de popular global (KELLNER, 2001). Além disso, é importante por se demonstrar uma estratégia assertiva e sustentável a longo prazo, dado que se apoia na cultura da empresa e reflete uma agenda prioritária para uma organização, que acredita na importância da diversidade para a compreensão de mundo dos sujeitos, conforme pode ser atestado na declaração de Maria Angela de Jesus, diretora de produções originais da Netflix no Brasil, em uma entrevista concedida ao Observatório de Séries da Uol:

⁷ Dados disponíveis em https://about.netflix.com/pt_br.

o que a Netflix faz é entretenimento. Nós falamos dos mais diversos assuntos e trazemos esses assuntos para toda a audiência. Não importa se seja audiência jovem ou mais velha. Porque, na verdade, a diversidade de temas é o que te ajuda a formar seu pensamento; que te ajuda a avaliar a realidade que você vive. (YAO, 2020a).

Outro ponto relevante é que um volume considerável de suas produções são voltadas aos jovens. Ao perceberem que esse era um nicho que estava sendo deixado de lado com escasso acesso a conteúdos que realmente possibilissem a abertura de diálogos próximos a realidade deles, eles resolveram investir em títulos voltados a esse grupo (YAO, 2020b). Isso é particularmente significativo já que, de acordo com a teoria do cultivo de Gerbner (1973), as imagens são cultivadas no repertório das pessoas desde que elas são crianças, assim, ter uma sucessão de pessoas diversas nas quais se espelhar em um momento que vêm acompanhado de tantos dilemas como a juventude, é, no mínimo, enriquecedor e reconfortante. E esses efeitos positivos foram confirmados.

No início de 2020, a Netflix conduziu pesquisas com seus consumidores jovens. Em janeiro, com brasileiros de 16 a 25 anos em conjunto com a NetQuest⁸ e, em fevereiro, com estadunidenses de 14 a 24 anos com a plataforma Suzy⁹; obtendo resultados similares. De forma geral, os jovens dos dois países sentem que, atualmente, se veem mais representados nas telas e de um modo mais verdadeiro do que antigamente, e a identificação com os personagens se mostrou um fator decisivo na hora de escolher os conteúdos a serem consumidos. Uma questão interessante também é que mais da metade dos jovens norte-americanos relataram que suas séries e filmes favoritos alteraram não só suas percepções, auto aceitação e autoestima, mas também suas perspectivas quanto a pessoas de culturas e experiências diferentes das deles, auxiliando na empatia com eles.

Portanto, os dados que foram encontrados apontam para uma mesma direção: diversidade e representatividade são imprescindíveis para um mundo menos preconceituoso e dividido. Quanto menos estereótipos prejudiciais aos

⁸ Disponível em <https://observatoriodeseries.uol.com.br/destaque/netflix-revela-pesquisa-com-raros-dados-de-sua-audiencia-e-mostra-que-esta-apostando-cada-vez-mais-na-representacao-dos-jovens>.

⁹ Disponível em <https://deadline.com/2020/02/netflix-study-young-americans-diversity-representation-inclusion-1202867526/>.

grupos considerados minoritários existirem e quanto mais narrativas realistas e contraestereotípicas se fizerem presentes, maiores serão as chances do sujeito “diferente” ser enxergado em sua totalidade, como um outro indivíduo singular que também merece respeito, empatia e compaixão. E, para isso, entendemos que a mídia precisa exercer seu papel de um jeito mais humano enquanto instituição social e mediadora das relações.

5 ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE AMARELA INFANTO-JUVENIL

Para contemplar as questões levantadas acerca da representatividade asiática amarela e seus estereótipos femininos na mídia, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa de análise de conteúdo, uma metodologia sistemática e confiável que utiliza procedimentos para avaliação do objeto seguindo os mesmos parâmetros por toda sua extensão, de forma que qualquer pessoa que aplique o método ao mesmo material, possa chegar a conclusões semelhantes (FONSECA JÚNIOR, 2005).

Quando aplicada à comunicação, esta metodologia visa compreender as mensagens em níveis de significação mais profundos, rompendo com a obviedade do que aparentam ser (BARDIN, 2011). Para realizá-la, Bardin (2011) enumera três etapas. A primeira delas é a pré-análise, que engloba a escolha do documento, formulação de objetivos e elaboração dos indicadores que servirão à interpretação final. A segunda consiste na exploração do material, isto é, na aplicação dos indicadores escolhidos no objeto de estudo analisado. E a última diz respeito ao tratamento dos resultados e à inferência e interpretação destes.

5.1 OBJETIVOS, CORPUS E INDICADORES

Com a aplicação desta metodologia, pretendemos verificar se a ameaça dos estereótipos que as mulheres amarelas experimentam na vida real também é sentida pelas personagens que as representam. Junto a isso, objetivamos entender a função das narrativas contraestereotípicas e oferecer instrumentos para diminuir a presença de personagens estereotipados na indústria cultural. Para isso, selecionamos como objeto de estudo a franquia “O Clube das Babás”, incluindo tanto a série de livros infanto-juvenil escrita nos anos 1980 por Ann M. Martin (2012a, 2012b), quanto a série lançada pela Netflix em 2020 (O CLUBE..., 2020), que, com um toque de modernidade e atualidade, adaptou para o *streaming* as narrativas dos anos 1980 contidas nos livros. A produção foi sucesso nos Estados Unidos na época de seu lançamento e já teve uma adaptação cinematográfica anterior nos anos 1990. Seu enredo desenvolve-se em torno das aventuras de cinco

pré-adolescentes, que formam um clube de babás no contraturno do período escolar, e estende-se também aos dilemas pessoais de cada uma delas.

O sucesso da primeira adaptação é assunto do documentário “Geração Claudia Kishi” (2020) também produzido pela Netflix em 2020 e atesta a relevância desta obra para os jovens asiáticos dos anos 1990. Por meio de depoimentos de adultos de ascendências asiáticas amarelas, relata-se a importância que a personagem Claudia Kishi teve em suas infâncias em termos de identificação enquanto asiáticos norte-americanos. Os entrevistados disseram que ver uma personagem que fugisse dos estereótipos da minoria modelo abriu portas para uma real identificação com a sua própria personalidade, de forma que pudessem abraçar quem realmente são. Eles ressaltam que foi muito positivo poder perceber a si mesmos com autenticidade e unicidade. Também manifestaram incômodo com assuntos que não costumam ser tratados regularmente, como as micro agressões sofridas por eles, a invisibilidade, a sensação de não pertencimento, o sentimento de anormalidade e a interpretação como eternos estrangeiros.

Pensando nisso, a escolha por esta produção não se deve somente à diversidade étnico-racial, LQBTQIA+ e de PcD existente nas personagens ou às temáticas abordadas na narrativa, como feminismo e igualdade de direitos, mas também à constatação de que, da mesma forma que ocorreu com a primeira adaptação desse título, imaginamos que essa nova versão terá um impacto ainda maior às asiáticas amarelas, especialmente considerando a amplificação do alcance que o *streaming* proporcionou aos produtos midiáticos nele contidos. Além disso, outro ponto determinante para a decisão por este material está relacionado ao público que a produção atinge, composto por jovens em uma fase de forte construção de identidade e formação de visão de mundo e, portanto, bastante suscetíveis à influência da mídia.

Desta forma, vislumbrando estes aspectos apontados e os objetivos que pretendemos alcançar com esta análise, o *corpus* da pesquisa será composto por todos os dez episódios da primeira temporada da série, além dos dois livros que inspiraram as narrativas dos dois episódios narrados exclusivamente pela protagonista asiática amarela Claudia Kishi e o documentário “Geração Claudia Kishi” (2020) da Netflix. Como os livros e episódios são narrados de forma alternada

entre as cinco protagonistas que compõem o clube e se desenrolam em torno de situações pontuais de cada uma delas, trazendo suas questões e pontos de vista pessoais, este recorte visa aprofundar o enfoque no núcleo que interessa ao nosso fim proposto, que é aquele pertencente à protagonista asiática amarela Claudia Kishi, incluindo também outras duas personagens femininas suficientemente desenvolvidas para serem analisadas, sua avó, Mimi Yamamoto, e irmã, Janine Kishi.

Ao apresentar a história pela perspectiva de Claudia, é possível termos dimensão de suas impressões sobre si mesma e as outras personagens, tal como sobre seus relacionamentos familiares, amorosos e profissionais. E este fato é importante, porque permite aos espectadores entenderem seus anseios, expectativas e opiniões, o que leva a uma maior compreensão de sua visão de mundo. Além disso, também gera a possibilidade de meninas asiáticas que vivem em países ocidentais se identificarem tanto com a personagem, quanto com os dilemas experienciados por ela – algo que é raro, devido a baixa frequência com que asiáticos e demais grupos considerados minoritários são colocados em papéis de destaque nas produções hollywoodianas (HUNT; RAMÓN, 2020).

Portanto, para esta finalidade, avaliaremos atributos vinculados às três personagens, tal como suas personalidades e relacionamentos com os demais indivíduos da comunidade em que estão inseridas. E, posteriormente, cruzaremos esses dados com todo o conteúdo teórico levantado previamente, a fim de verificarmos a presença ou ausência de estereotipia nessas narrativas.

5.2 SÉRIE DA NETFLIX: “O CLUBE DAS BABÁS”

Na narrativa da adaptação feita pela Netflix para o *streaming*, o Clube das Babás surge de uma ideia que Kristy Thomas tem ao ver sua mãe sofrendo para encontrar uma babá para seu irmão mais novo. A protagonista pensa que, junto às suas vizinhas que também são suas colegas de escola, elas podem montar um grupo e oferecer serviços de babá à vizinhança com apenas uma ligação, de maneira fácil e prática. Ela compartilha a proposta com suas amigas e essas gostam da ideia, já que é uma forma delas ganharem seu próprio dinheiro. E, assim começa

o Clube das Babás (Figura 1), formado por quatro – depois cinco, com a chegada de Dawn – pré-adolescentes que vivem em Stoneybrook, uma cidade pequena em Connecticut, nos Estados Unidos.

Figura 1 – Organograma do Clube das Babás junto às duas personagens do núcleo de Claudia Kishi que serão analisadas: Janine Kishi e Mimi Yamamoto



Fonte: montagem de autoria nossa com imagens capturadas nos episódios da série “O Clube das Babás” (2020) da Netflix.

Da mesma forma que a série como um todo, o grupo de amigas que compõe o Clube é marcado por diversidade: étnico-racial, familiar e comportamental. Kristy Thomas, a presidente, é feminista, branca, filha de mãe solteira, Elizabeth, e lida com o abandono paternal. A personagem ainda tem dois irmãos mais velhos, Charlie e Sam, e um mais novo, David. Claudia Kishi, vice-presidente, é uma norte-americana de ascendência asiática que se interessa por artes, moda e garotos; e mora com seus pais, Janine, sua irmã mais velha, e Mimi, sua avó materna. Mary Anne Spier, secretária, é negra e filha de um casal interracial, pai branco e mãe negra. No entanto, sua mãe faleceu quando ainda era pequena, então ela é criada apenas por seu pai superprotetor, Richard. Stacey McGill, tesoureira, é uma personagem branca, recém-chegada de Nova York para o subúrbio, que mora com seus pais e lida com a diabetes. Por fim, Dawn Schafer, substituta oficial, entra

no grupo um pouco mais tarde, quando se muda de Los Angeles para a pequena cidade, após seu pai se assumir homossexual e sua mãe, Sharon, recém-divorciada, decidir recomeçar a vida em sua cidade natal.

5.2.1 CLAUDIA KISHI

Claudia Kishi é uma pré-adolescente norte-americana de ascendência japonesa, que possui habilidades artísticas, se interessa por moda e gosta de ser babá. Segura de suas qualidades e *hobbies*, a jovem transmite autoconfiança e autoestima. Em seu tempo livre, faz aulas extracurriculares de artes, sedia as reuniões do Clube das Babás em seu quarto, cozinha com sua avó materna, Mimi, e usa roupas coloridas e divertidas, como forma de expressar sua personalidade artística, criativa e *fashion*, como pode ser observado abaixo (Figura 2).

Figura 2 – Estilo e personalidade de Claudia Kishi



Fonte: montagem de autoria nossa com imagens capturadas nos episódios da série “O Clube das Babás” (2020) da Netflix.

Seus interesses incluem também garotos, especialmente Trevor Sandbourne, por quem é apaixonada. Claudia faz aulas de artes junto com ele e, apesar de ficar

nervosa com sua presença, como vemos no episódio 2 “Claudia e as ligações misteriosas” (O CLUBE..., 2020), em que ela mesma se acalma mentalmente quando ele se aproxima para elogiar seu quadro “Calma, Claudia. Respire” (O CLUBE..., 2020), ela continua conversando normalmente com ele, sem ficar envergonhada ou demonstrar timidez (Figura 3), já que essas características não parecem fazer parte de sua personalidade extrovertida.

Figura 3 – Claudia Kishi e Trevor Sandbourne conversando sobre seus autorretratos durante uma aula de artes



Fonte: imagem capturada no episódio 2 "Claudia e as ligações misteriosas" da série "O Clube das Babás" (2020) da Netflix.

Esses aspectos comportamentais também se manifestam no episódio 2 “Claudia e as ligações misteriosas” (O CLUBE..., 2020), quando Claudia conta não só às suas amigas, mas também à Mimi, sua avó materna, sobre estar apaixonada por Trevor e existir a possibilidade de irem juntos à festa de Halloween da escola, demonstrando que ela encara com naturalidade e maturidade seus sentimentos. Além disso, no episódio 6 “Claudia e Janine” (O CLUBE..., 2020), a personagem também transparece autoconfiança ao pedir ajuda de Trevor na escolha das obras de artes que iria expor na mostra de arte do leste de Connecticut, como uma maneira de se aproximar dele.

Entretanto, apesar de se interessar pelo garoto, sua paixonite não parece superar a importância que dá à sua moral e valores ou às suas amizades. Na primeira situação, o fato está ligado à relação com seus pais. Por não ser uma aluna

exemplar e não ir bem nas matérias da escola, principalmente em matemática, no episódio 2 “Claudia e as ligações misteriosas” (O CLUBE..., 2020), Janine, sua irmã mais velha, sugere aos seus pais que estipulem a condição de Claudia ir bem na prova da disciplina para ela poder ir à festa de Halloween com Trevor, e eles acatam. Porém, apesar dela ter se dedicado e estudado, a protagonista não consegue tirar uma nota boa. Stacey oferece sua prova para ela mostrar aos pais e poder sair, mas Claudia decide contar a verdade, mesmo que isso signifique perder essa oportunidade de sair com Trevor e ter que ficar em casa.

No segundo caso, que diz respeito às suas amizades, isso fica claro quando, no episódio 8 “O grande dia da Kristy” (O CLUBE..., 2020), Claudia revela ter decidido ir para o mesmo acampamento de férias de suas melhores amigas, o acampamento Moosehead, ao invés de ir ao acampamento de arte, em Yale, com Trevor: “O acampamento de arte estará sempre lá, mas quantos verões vou ter com minhas melhores amigas?” (O CLUBE..., 2020).

No que concerne às suas amizades, Kristy e Mary Anne são as amigas mais antigas de Claudia. Por serem vizinhas e seus pais serem próximos uns dos outros, as três cresceram juntas. Todavia, já no episódio 1 “A grande ideia de Kristy” (O CLUBE..., 2020), Kristy comenta que elas se distanciaram desde que Claudia decidiu que se interessava por meninos. Mas, na realidade, ainda nesse episódio, Claudia revela o verdadeiro motivo delas não continuarem tão amigas, quando desabafa “Honestamente, está me fazendo lembrar porque parei de andar com você” (O CLUBE..., 2020) na ocasião em que Kristy começa a tentar dar ordens para Mary Anne, que é melhor amiga de Kristy.

A despeito disso, ao longo da temporada, notamos alguma melhora no relacionamento entre Claudia e Kristy. Por mais que Claudia deixe claro por meio de suas expressões faciais e reações às atitudes de Kristy, o fato de não ter muita afinidade com ela por achá-la mandona e um pouco infantil, como percebemos no episódio 5 “Dawn e o trio impossível” (O CLUBE..., 2020), quando todas as meninas estão conversando sobre a reforma do quarto de Mary Anne (Figura 4). Aos poucos, elas aprendem a lidar com suas diferenças e Claudia demonstra-se menos impaciente frente ao jeito de Kristy se comportar.

Em relação à Mary Anne, Claudia costuma ser paciente e prestar atenção no que a amiga diz, embora relate não conhecê-la tanto de verdade, já que a amiga possui uma personalidade mais introspectiva e menos falante. Inclusive, no episódio 1 “A grande ideia de Kristy” (O CLUBE..., 2020), após Mary Anne falar sem parar justificando o porquê deveria ser a secretária do Clube, Stacey comenta com Claudia que nunca a viu falando tanto e Claudia concorda que, mesmo a conhecendo desde que nasceu, nunca tinha visto também.

Figura 4 – Reunião do Clube no quarto de Claudia com todas as meninas interagindo juntas, com exceção de Kristy



Fonte: montagem de autoria nossa com imagens capturadas no episódio 5 “Dawn e o trio impossível” da série “O Clube das Babás” (2020) da Netflix.

Apesar de Claudia conhecer as outras meninas há mais tempo e Stacey ter mudado recentemente para a cidade, ela se tornou sua amiga mais próxima. Dividindo a paixão por moda e garotos, as duas personagens são vistas juntas e trocando olhares em várias cenas, independente de estarem só elas, como no episódio 6 “Claudia e Janine” (O CLUBE..., 2020) quando as duas vão à casa de Mary Anne para convencer Richard a deixá-las terminar a reforma do quarto da amiga (Figura 5); ou todas as cinco, a exemplo da cena na mostra de arte do leste de Connecticut também no episódio 6 (Figura 6).

Figura 5 – Claudia e Stacey comemorando a autorização de Richard para reformarem o quarto de Mary Anne



Fonte: imagem capturada no episódio 6 “Claudia e Janine” da série “O Clube das Babás” (2020) da Netflix.

Figura 6 – Claudia e Stacey conversando na mostra de arte enquanto as outras meninas do Clube observavam as obras de Claudia



Fonte: imagem capturada no episódio 6 “Claudia e Janine” da série “O Clube das Babás” (2020) da Netflix.

Em relação a recém-chegada do Clube, Dawn, Claudia demonstra simpatizar com ela desde o início, quando Mary Anne a leva como convidada para uma das reuniões do Clube, no episódio 5 “Dawn e o trio impossível” (O CLUBE..., 2020). Porém, elas não se aproximam até irem para o acampamento Moosehead, no episódio 9 “No acampamento - Parte 1” (O CLUBE..., 2020), quando são designadas a ficar na mesma cabana e participarem das atividades juntas. Lá, as duas, Claudia e Dawn, compartilham seus interesses e aprendem uma com a outra. Além disso, também se engajam em uma causa que concilia algo que as duas acreditam ser uma injustiça: o acesso gratuito à arte e às atividades artísticas por todas as crianças (Figura 7).

Figura 7 – Claudia e Dawn lecionando sua própria aula de artes gratuitas para as crianças de seu grupo do acampamento



Fonte: montagem de autoria nossa com imagens capturadas no episódio 9 “No acampamento – Parte 1” da série “O Clube das Babás” (2020) da Netflix.

No âmbito familiar, no episódio 2 “Claudia e as ligações misteriosas” (O CLUBE..., 2020), Claudia desabafa com seus pais não achar justo que eles cobrem dela a única coisa na qual não é boa, que é a escola, ao invés de valorizarem todas as outras atividades nas quais vai bem. Essa expectativa que seus pais tem sobre ela se justificam em parte pelo perfil de sua irmã mais velha, Janine, que é totalmente oposto ao de Claudia. Esse parece ser, inclusive, um dos fatores pelos quais elas não se dão bem.

O relacionamento das duas irmãs é complicado, pois suas formas de agir, falar e se expressar são muito conflitantes entre si, devido às suas inúmeras diferenças. Porém, no episódio 6 “Claudia e Janine” (O CLUBE..., 2020), diante dos acontecimentos familiares de acidente vascular cerebral (AVC) e internação da Mimi, as duas têm um momento de diálogo e entendimento interessante, no qual buscam compreender uma a outra e oferecer conforto em meio a um momento tão difícil para ambas.

Para Claudia, este momento é especialmente delicado, pois Mimi é sua pessoa favorita na família. “Mimi é a melhor pessoa que conheço, em tudo. Acho que é porque tudo que ela faz, faz com muito amor” (O CLUBE..., 2020). É com ela que a protagonista tem maior proximidade dentro de casa. Inclusive, ela escolhe passar a noite do Halloween Hop fazendo um retrato de Mimi em seu quarto no episódio 2 “Claudia e as ligações misteriosas” (O CLUBE..., 2020), quando é proibida de ir à festa. Mimi é sua referência de carinho, companhia e compreensão.

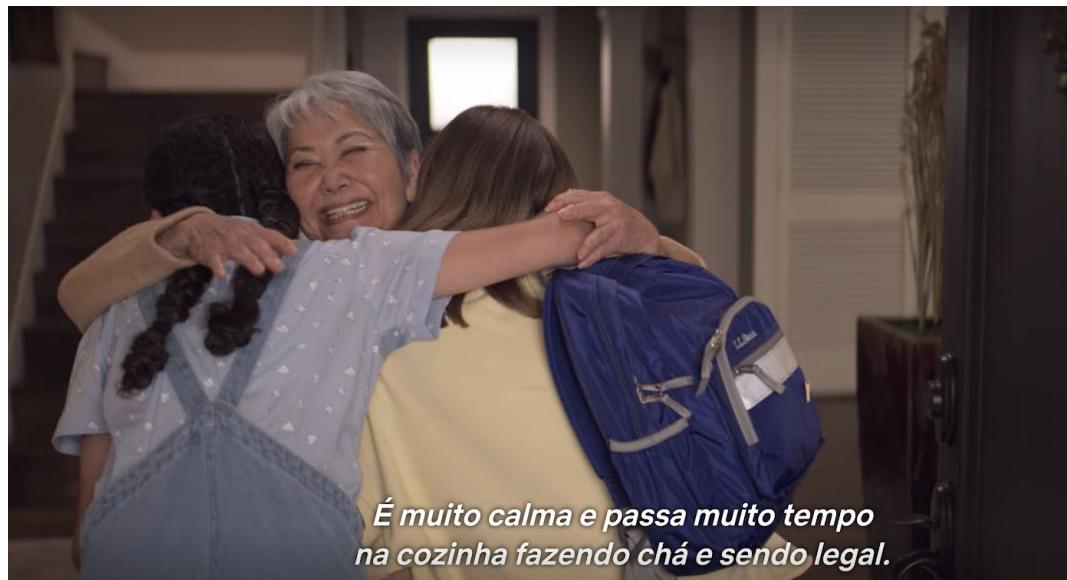
5.2.2 *MIMI YAMAMOTO*

Makiko Yamamoto, ou Mimi, como é conhecida por todos, é avó materna de Claudia e tem 83 anos. Nascida no Japão, se mudou para os Estados Unidos quando ainda era criança na época da 2^a Guerra Mundial. Por ser imigrante japonesa, sua família ficou presa em um dos campos de presidiários que foram construídos na época da guerra. Devido a esses acontecimentos, ela guarda traumas e lembranças ruins desse período, os quais vêm à tona no episódio 6

“Claudia e Janine” (O CLUBE..., 2020), quando ela acorda do AVC e só consegue se comunicar efetivamente em japonês.

No entanto, mesmo tendo uma história de vida marcada por esses acontecimentos não tão agradáveis, ela ainda é uma senhora doce e querida pelas netas e vizinhança. Sempre disposta a recepcionar bem as visitas da casa com um chá quente, como visto no episódio 1 “A grande ideia de Kristy” (O CLUBE..., 2020), em que Mimi recepciona Kristy e Mary Anne com um abraço carinhoso (Figura 8) e se oferece a fazer chá para as meninas; Mimi também gosta de conversar, ensinar e ouvir, seja Claudia falando de sua paixonite por Trevor enquanto cozinham juntas no episódio 2 “Claudia e as ligações misteriosas” (O CLUBE..., 2020), ou Mary Anne aprendendo tricô e querendo saber mais de sua falecida mãe no episódio 4 “Mary Anne salva o dia” (O CLUBE..., 2020).

Figura 8 – Mimi recepcionando Kristy e Mary Anne na casa dos Kishi's

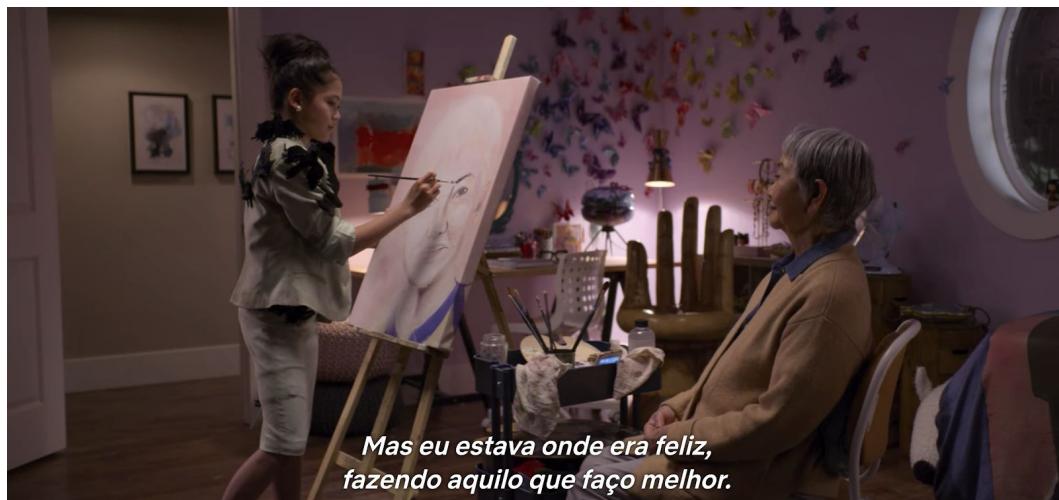


Fonte: imagem capturada no episódio 1 “A grande ideia de Kristy” da série “O Clube das Babás” (2020) da Netflix.

Na vida familiar, a personagem tem um papel especialmente importante, não só por ajudar cozinhando, mas também pelo relacionamento que tem com Claudia. Mimi apoia o lado artístico de Claudia, se interessa por suas atividades e participa de suas tarefas, como se vê no episódio 2 “Claudia e as ligações misteriosas” (O CLUBE..., 2020), tanto quando elogia a fantasia da neta, quanto depois ao ficar

sabendo que Claudia não pode ir à festa e a faz companhia sentada em seu quarto para que ela possa pintar um retrato seu (Figura 9). O carinho pela neta também é demonstrado em diversos momentos por Mimi ao se direcionar a ela como “minha Claudia”.

Figura 9 – Mimi posando para o retrato de Claudia



Fonte: imagem capturada no episódio 2 “Claudia e as ligações misteriosas” da série “O Clube das Babás” (2020) da Netflix.

Esse carinho e cuidado que Mimi têm por Claudia e pelas meninas do Clube, que refletem sua essência, é recíproco pelos vizinhos. No episódio 6 “Claudia e Janine” (O CLUBE..., 2020), quando Mimi sofre o AVC, as famílias Thomas e Spier, junto a Stacey e Dawn, vão à casa dos Kishi's para levar a janta e fazer companhia às meninas, Claudia e Janine. Enquanto arrumam a louça, Elizabeth e Richard comentam com carinho tudo que os Kishi's, especialmente Mimi, já fizeram por eles. Ao mesmo tempo, no quarto de Claudia, ela, as meninas do Clube e dois dos irmãos de Kristy, Sam e David, fazem cartões estimando melhorias a avó. Também no episódio 8 “O grande dia da Kristy” (O CLUBE..., 2020), quando acontece o casamento de Elizabeth com Watson, Mimi é convidada pela família e vai à cerimônia com Claudia. Estas cenas reforçam a integração e o bom relacionamento da família Kishi com a vizinhança.

É interessante observarmos ainda que há um respeito muito forte na comunidade pelas diferenças culturais, evidenciado, por exemplo, pelo fato de todos

os visitantes retirarem os sapatos para entrar na casa dos Kishi's (Figura 10). Este é um hábito preservado da cultura japonesa, que, quem vai à casa deles, segue sem hesitar, sejam as meninas do Clube nas reuniões semanais, sejam os vizinhos no próprio dia em que Mimi estava internada e eles foram fazer companhia para as meninas, ou sejam os clientes do Clube, os pais das crianças que as meninas cuidavam, quando elas convocam um encontro para esclarecer alguns acontecimentos pontuais com a concorrência, no episódio 3 "A verdade sobre Stacey" (O CLUBE..., 2020).

Figura 10 – Sapatos dos clientes convidados pelo Clube das Babás na porta de entrada da casa dos Kishi's



Fonte: imagem capturada no episódio 3 "A verdade sobre Stacey" da série "O Clube das Babás" (2020) da Netflix.

5.2.3 JANINE KISHI

Janine é a irmã mais velha de Claudia, mas as duas não se parecem em nada. Diferente da irmã mais nova, Janine é mais séria e dificilmente é vista sorrindo. Seu quarto e suas roupas refletem sua personalidade, com características mais básicas e neutras (Figura 11). No episódio 1 "A grande ideia de Kristy" (O CLUBE..., 2020), a personagem é vista em seu computador, concentrada, e não soa muito amigável, já que bate a porta do quarto na cara de Kristy e Mary Anne, quando essas a cumprimentam. Somado a isso, em nenhum momento ela aparece com alguma amiga ou faz menção de alguma colega.

Figura 11 – Estilo e personalidade de Janine Kishi



Fonte: montagem de autoria nossa com imagens capturadas nos episódios da série “O Clube das Babás” (2020) da Netflix.

Seus gostos também são muito diferentes dos de Claudia. Janine gosta de ler, estudar e aprofundar seu conhecimento sobre as coisas. Não é à toa que, de acordo com o episódio 6 “Claudia e Janine” (O CLUBE..., 2020), seu jogo de tabuleiro preferido é um de perguntas e respostas sobre conhecimentos gerais e específicos, no qual ela parece saber todas as respostas. Outro fato que atesta essas inclinações da personagem é o fato dela sempre ter alguma explicação completa sobre os assuntos, como quando, nesse mesmo episódio, a família Kishi vai ao hospital tentar entender o que aconteceu com a Mimi e até a médica que os atendem fica surpresa com o conhecimento demonstrado por Janine em seus comentários e questionamentos sobre o ocorrido.

Todavia, em certos momentos, a impressão que temos é de que Janine não sabe se relacionar muito bem com as pessoas ao seu redor. No episódio 6 “Claudia e Janine” (O CLUBE..., 2020), ela constrange a irmã na frente de Trevor e, por mais que pareça proposital no momento, devido ao relacionamento conflituoso das irmãs,

mais tarde quando elas brigam na sala e Claudia faz menção a ela tê-la constrangido em frente ao amigo, Janine demonstra não saber do que ela estava falando, o que dá a entender que a personagem não tem o tato necessário para entender e fazer a leitura de situações sociais.

Ademais, ela também parece distante e pouco afetuosa com seus pais, a exemplo do que ocorre no episódio 6 “Claudia e Janine” (O CLUBE..., 2020) quando as meninas vão encontrar seus pais no hospital para visitar Mimi. A mãe delas tenta confortar a personagem, mas ela recua e demonstra desconforto (Figura 12). Seu único relacionamento que parece chegar a ser naturalmente mais próximo é com Mimi, evidenciado ao se comunicar em japonês com a avó após essa acordar do AVC. Porém, ainda assim não chega a ser o que ela mesma espera, conforme desabafa com Claudia, admitindo que gostaria de ser próxima da avó como a irmã mais nova. Essa situação também nos permite notar que Janine tem conhecimento da língua japonesa, mas Claudia não, apontando novamente a diferença dos interesses das duas.

Figura 12 – Janine se esquivando da tentativa de carinho de sua mãe



Fonte: imagem capturada no episódio 6 “Claudia e Janine” da série “O Clube das Babás” (2020) da Netflix.

Contudo, também não podemos ignorar o esforço da personagem ao tentar ser uma boa irmã neste mesmo episódio do AVC de Mimi. Quando Claudia está chateada na sala de espera do hospital, depois de sua tentativa frustrada de se

comunicar com a avó, Janine vai ao seu lado e a consola explicando o que sua avó está passando e o porquê dela conseguir conversar em japonês (Figura 13). Ela ainda compartilha o que sabe da história de sua avó para que a irmã mais nova possa compreender o que ela está sentindo e se sentir menos excluída e distante.

Figura 13 – Janine confortando Claudia na sala de espera do hospital



Fonte: imagem capturada no episódio 6 “Claudia e Janine” da série “O Clube das Babás” (2020) da Netflix.

5.3 LIVROS ANN M. MARTIN: “O CLUBE DAS BABAS”

Para trazer uma maior riqueza sobre as personagens asiáticas amarelas, faremos um aprofundamento dos episódios narrados por Claudia Kishi: episódio 2 “Claudia e as ligações misteriosas” e episódio 6 “Claudia e Janine” (O CLUBE..., 2020). Isto se dará por meio da análise e comparação com as narrativas presentes nos livros escritos por Ann M. Martin, que inspiraram as versões audiovisuais: “Claudia e as ligações misteriosas” (MARTIN, 2012a) e “Claudia e Janine” (MARTIN, 2012b).

Na obra “Claudia e as ligações misteriosas” (O CLUBE..., 2020), a personagem de Claudia é introduzida e desenvolvida com maior profundidade, na medida em que ela se prepara para ir a festa de Halloween de sua escola, o Halloween Hop. Apesar das divergências da trama na adaptação do livro “Claudia e as ligações fantasmas” (MARTIN, 2012a), que é centrada no caso de um assaltante do estado de Nova York que faz ligações misteriosas antes de agir, as

características centrais das personagens não são impactadas. Similaridades relevantes são mantidas nas duas obras, tais como a personalidade das personagens, o relacionamento afetivo entre Claudia e Mimi, o relacionamento conturbado entre Claudia e Janine, a paixão de Claudia por Trevor Sandbourne, os desafios enfrentados por Claudia na escola e a relação de Claudia com as meninas do Clube das Babás.

Já na narrativa intitulada “Claudia e Janine”, tanto o livro (MARTIN, 2012b) quanto o episódio da série (O CLUBE..., 2020) focam em duas questões: o relacionamento das irmãs e o AVC de Mimi. Embora sejam identificadas pequenas diferenças no desenrolar das atividades do Clube das Babás, dada as diferenças de época entre o contexto da obra literária e adaptação da Netflix – que adicionou elementos atuais à história –, os aspectos fundamentais às obras são mantidos os mesmos. A exemplo do aprofundamento no relacionamento entre Claudia e Janine, um maior desenvolvimento da personagem de Janine, a dinâmica familiar dos Kishi's e a figura e relevância de Mimi no núcleo familiar e na vizinhança.

5.3.1 CLAUDIA KISHI

Em ambas as obras, literária e audiovisual, a caracterização da personagem ocorre de forma similar. Com uma personalidade extrovertida, a jovem possui os mesmos interesses, *hobbies* e manias, como usar roupas coloridas e divertidas para expressar seu interior:

Mimi sabe o quanto eu gosto de me produzir. É muito importante para mim. Eu acredito que as roupas traduzem o interior de uma pessoa. Além disso, já que você tem que se vestir todos os dias, por que não fazer disso algo divertido? Roupas comuns aparecem ser chatas e são chatas de vestir. Então, eu nunca as uso. Eu gosto de cores vibrantes, estampas e detalhes divertidos, como brincos feitos de penas. Talvez seja porque eu sou uma artista. Não sei. [...]. Roupas são minha marca pessoal. (MARTIN, 2012a, posição 76, tradução nossa).

Porém, não é só por meio de suas composições estilosas que a protagonista expressa seu interior. As artes também têm um papel fundamental nessa expressão de liberdade, como ela narra em diferentes momentos. Em seu primeiro livro, quando passa por uma situação embaraçosa na lanchonete de sua escola ao

derramar a sobremesa em Trevor Sandbourne, ela decide pintar um quadro que expresse seu sentimento de vergonha (MARTIN, 2012a). Já no segundo, durante o período em que Mimi está hospitalizada e seu quadro é incerto, ela canaliza sua preocupação sugerindo que o projeto de arte do grupo de férias do Clube das Babás seja fazer cartões estimando melhorias a avó (MARTIN, 2012b).

Claudia demonstra ser uma jovem autoconfiante e bem resolvida com sua personalidade e gostos. Preocupada com sua aparência e liberdade de expressão, descobre-se que, além das composições de roupas, ela também gosta de fazer penteados em seus cabelos longos (MARTIN, 2012a). Para ela, essas questões são mais valiosas do que suas notas na escola e, por isso, aprecia pessoas como a Sra. Newton, que, segundo a personagem, sempre pergunta sobre arte e elogia suas roupas, ao invés de perguntar sobre a escola (MARTIN, 2012a).

No que diz respeito às suas amizades, Claudia não é muito próxima de Kristy e Mary Anne, pois, apesar de terem crescido juntas, a personagem se acha mais madura do que elas. “Elas não se interessam por meninos nem roupas ainda, e às vezes fazem as coisas mais esquisitas. [...]. E ambas usam roupas de criança” (MARTIN, 2012a, posição 143, tradução nossa). Além disso, não parece confiar muito em Kristy, por conta de seu jeito tagarela de ser, o que a leva a brigar equivocadamente com a amiga na escola, quando acha que todos já sabem que ela gosta de Trevor por culpa de Kristy, quando na realidade é o contrário, outro colega sabe que Trevor gosta dela e espalha aos demais (MARTIN, 2012a). No entanto, embora existam algumas ressalvas na amizade delas, Claudia se desculpa com Kristy pelo seu ato impulsivo em culpá-la, demonstrando que valoriza sua amizade (MARTIN, 2012a).

Com Mary Anne, a amizade é mais tranquila, mesmo não sendo tão íntimas. Claudia observa que “ela é organizada e inteligente, e sua letra é a mais bonita de todas nós. Moro do outro lado da rua de Mary Anne há muito tempo, e por mais que eu goste dela, ainda sinto que não a conheço muito bem” (MARTIN, 2012b, p. 7, tradução nossa). Contudo, mesmo que se sinta um pouco distante da amiga, isso não a impede de intervir e achar uma solução para Mary Anne ficar no Clube quando ela sugere sair diante da proibição do pai dela de ser babá por conta das notícias do assaltante à solta (MARTIN, 2012a).

Já a amizade com Stacey é totalmente diferente. Pelo fato das duas dividirem os mesmos interesses por meninos, moda e cuidar de crianças, elas se dão bem e são muito próximas, o que as leva a fazer várias atividades juntas, como combinar de ir à festa de Halloween, confidenciar sobre suas paixonites e sentar-se juntas no almoço da escola. Claudia enfatiza a similaridade entre elas em diversos momentos em que menciona a amiga, como “Stacey, por outro lado, se veste parecido comigo” (MARTIN, 2012a, posição 143, tradução nossa) e “somos muito parecidas” (MARTIN, 2012b, p. 8, tradução nossa). E é Stacey quem liga para Claudia para lhe atualizar sobre as novidades e aventuras do grupo de férias do Clube quando ela precisa ficar cuidando de sua avó e não pode participar das atividades do Clube (MARTIN, 2012b).

Por fim, em relação a Dawn, nos livros escritos pela visão de Claudia não há muitos detalhes de quão amigas as duas são. Ela conta que Dawn se mudou para Stoneybrook depois que o Clube já existia e ficou muito amiga de Mary Anne, o que gerou ciúmes em Kristy. Mas elas se acertaram e Dawn agora também era integrante do Clube (MARTIN, 2012b). A sensação que fica é que Claudia não tem nenhum problema com a nova amiga, mas também não chega a ser próxima como é de Stacey.

Quanto a escola, a personagem já desmente desde o início a possibilidade de ser uma boa aluna em matérias de exatas, que tira notas altas, e corresponde aos padrões esperados pelos outros, principalmente por seus pais. Apesar de relatar que, segundo um teste de QI, ela estaria acima da média de inteligência, todas as noites os membros da família precisam se revezar para ajudá-la nos estudos e garantir que ela faça todas as tarefas da escola para que, em troca, ela possa continuar tendo suas aulas extracurriculares de artes e fazendo parte do Clube das Babás (MARTIN, 2012a). A falta de aptidão para as exatas também é vista em um jantar em família, em que seus pais perguntam como está indo na escola e relatam de maneira preocupada que a professora de álgebra telefonou a eles para saber se ela estava preparada para a prova do dia seguinte (O CLUBE..., 2020).

A dificuldade em corresponder às expectativas de seus pais é vista em outras circunstâncias também. A personagem comenta que acredita ser uma grande decepção a eles, já que ela quer ser uma artista e eles valorizam profissões mais

tradicionalistas, como matemáticos e físicos, por exemplo (MARTIN, 2012b). É comum ela se comparar com sua irmã, que, segundo ela, sempre consegue atender às expectativas de seus pais. Então, mesmo quando seu pai a elogia por estar assumindo responsabilidades para ajudar a família frente ao AVC de Mimi, como fazendo o jantar, ela só consegue pensar que este é um assunto delicado, já que só se recorda de ter ouvido frases como “Se você apenas tivesse feito sua lição quando foi passada...”, ou ‘Se você não estivesse atrasada pelo menos uma vez...’, ou ‘Se você apenas pensasse antes como Janine faz...’” (MARTIN, 2012b, p. 83, tradução nossa).

Os professores de Claudia também demonstram preocupação com seu desempenho escolar, já que eles têm uma expectativa alta com a personagem e essa parece não corresponder, posto que frequentemente ela relata estar sonhando acordada durante as aulas (MARTIN, 2012a). Na série, no episódio 1 “A grande ideia de Kristy” (O CLUBE..., 2020), o professor das meninas chama a atenção de Claudia, que é vista dispersa durante a aula, e, depois trocando bilhete com Kristy. No livro, Claudia reclama ter sido a única a receber uma lição de casa de reforço para memorizar a tabuada: “Vamos ter prova na quinta-feira e o Sr. Peters nos passou exercícios de revisão. E mais, ele me deu lição extra. Só pra mim, Mimi. Ninguém mais” (MARTIN, 2012a, posição 1009, tradução nossa).

Entretanto, como forma de balancear suas relações e em contraposição ao difícil relacionamento com seus pais e professores, devido às cobranças e falta de correspondência entre as partes, o relacionamento com Mimi, sua avó materna, é fácil, leve e revela-se fundamental para a personagem. Desde o início, Claudia a apresenta como alguém doce, paciente e educada, dona de um sotaque agradável (MARTIN, 2012a). Ao longo da narrativa, a opinião e aprovação de Mimi se mostram essenciais à jovem, a exemplo da ocasião em que pergunta a ela como era sua relação com sua irmã, querendo saber se elas eram amigas e confidenciando que gostaria de ser amiga de Janine. Mais tarde na narrativa, com base nos conselhos da avó, ela decide deixar a irmã entrar em seu quarto mesmo quando deseja ficar sozinha e fica orgulhosa de si mesma pensando que Mimi teria ficado orgulhosa dela (MARTIN, 2012a).

Entretanto, como nenhum relacionamento é perfeito, Claudia e Mimi tem uma pequena discussão após Claudia ofender Janine (MARTIN, 2012b), o que desestabiliza Claudia. A personagem fica com o diálogo ecoando em sua cabeça e algo que lhe incomoda bastante, além do fato de ter sido rude com Mimi, é perceber que sua avó não lhe chamou de “minha Claudia” durante o desentendimento. O efeito dessa confusão é tamanho para ela, que a personagem chega até a se culpar por ter provocado o AVC de Mimi.

Por sua vez, o relacionamento com sua irmã Janine é particularmente complicado, porque as duas têm personalidades muito diferentes entre si e há uma certa impaciência e falta de interesse em uma entender o jeito da outra. Claudia parece não ter paciência para as explicações complicadas e acadêmicas de Janine para perguntas que considera simples (MARTIN, 2012a). Não se podem considerar atitudes isoladas quando Claudia manda a irmã ficar quieta ou a impede de entrar em seu quarto. Porém, parece ser algo que ela tem vontade de melhorar, tendo em vista a conversa que tem com Mimi sobre a relação dela com a irmã e conselhos de como serem amigas, e até mesmo depois de uma conversa que tem com a irmã em seu quarto, após o incidente com a polícia enquanto estava trabalhando como babá na casa dos Newton, em que ambas descobrem que tem um vício em algum: doces, que ficam escondidos em seus quartos; e confessam que seria bom conversar mais vezes e se conhecerem melhor (MARTIN, 2012a).

No livro “Claudia e Janine” (MARTIN, 2012b), que trabalha mais o relacionamento das irmãs, fica claro que Claudia se compara bastante à sua irmã e se acha inferior perante aos seus pais. Isso faz com que ela tenha expectativas muito altas em relação a irmã mais velha e acabe tendo atitudes defensivas e agressivas, sendo pouco tolerante com ela, a exemplo da ocasião em que Mimi está internada e Janine chega em casa, mas Claudia nem dá a chance de sua irmã perguntar do estado de sua avó antes de atacá-la: “Você nem perguntou sobre Mimi. Ou sobre nossa mãe” (MARTIN, 2012b, p. 60, tradução nossa).

Contudo, no final da narrativa deste livro, Claudia observa o relacionamento de Jamie Newton, um menino de quem é babá às vezes, com a irmã mais nova dele, Lucy, e reflete sobre sua relação com Janine. A partir do que vê e relata sentir, fica

mais evidente que parte de seu comportamento com a irmã mais velha decorre da comparação que faz entre si e do ciúmes que sente dela:

Janine era minha irmã e eu, dela. Suponho que a gente se ame, apesar de nunca termos dito isso. Não tinha pensado muito sobre isso antes. Tudo que eu pensava era o quanto de atenção Janine recebia de todos. Janine era uma aluna brilhante. Janine ia ser uma física. Não atrapalhe Janine, ela tem que estudar. Janine isso, Janine aquilo. [...]. Eu sabia que Lucy não era mais especial do que Jamie para ninguém. Isso significava que eu sou tão especial quanto Janine? E que, lá no fundo, eu realmente amava Janine do jeito que Jamie disse que ama Lucy? *E, se eu amo Janine, ela me ama também - mas só não sabe como demonstrar?* (MARTIN, 2012b, p. 130-131, tradução nossa, itálico da autora).

Essas constatações a fazem perceber que parte do problema que elas têm decorre de si mesma, e, ao voltar para casa, propõe-se a conversar com sua irmã e realmente ouvi-la, ao invés de acusá-la baseada em suas próprias crenças (MARTIN, 2012b). Esta realização nos permite vislumbrar também suas fraquezas, as quais, a frente a sua família, se revelam até mesmo por comentários sutis vindos de seus pais e as interpretações que ela faz por conta própria baseada na visão que imagina que seus pais tenham de si. Ao fazer 13 anos, por exemplo, Claudia comenta ser oficialmente adolescente, mas relembra que, segundo sua mãe, ela sempre foi uma. A personagem entende essa observação como se ela sempre tivesse sido alguém difícil de conviver por não gostar da escola, lições de casa e não ser conservadora como o restante dos membros familiares (MARTIN, 2012b). E esse parece ser um ponto de dor muito grande, pois a personagem acaba distorcendo outras situações que não tem relação ao assunto e trazendo-o para essa temática, como quando Claudia acusa a irmã de ter trapaceado no jogo, Mimi a repreende, e Claudia comenta “Mamãe e papai a amam mais por ser mais inteligente, e eu aposto que você também!” (MARTIN, 2012b, p. 38, tradução nossa).

Por fim, isto torna visível também as inseguranças de Claudia, que fazem parte de sua personalidade e a complementam como personagem. Deste modo, expõe-se sua fragilidade no que tange a reafirmação de sua inteligência, criatividade e integridade. Isso é visto, por exemplo, na ocasião em que em uma reunião do Clube das Babás, ela e suas amigas estão elaborando táticas de como reagir a situações de risco no trabalho e Kristy lhe pede ideias, mas ela se ofende e reage de

modo defensivo por não ter nenhuma (MARTIN, 2012a). Ou então quando as meninas a questionam sobre a quantidade de vezes em que atendeu ao telefone do Clube fora dos horários das reuniões – já que ele fica em seu quarto e é sua responsabilidade fazer isso – e pegou trabalhos sem consultar a disponibilidade delas antes, conforme era o combinado, insinuando que ela estivesse tentando passar as amigas para trás (MARTIN, 2012a).

5.3.2 *MIMI YAMAMOTO*

Mimi é a avó materna de Claudia, “é quieta, fala de forma suave e tem uma paciência infinita. [...]. E ela é educada, muito, muito educada, nunca diz algo rude” (MARTIN, 2012a, posição 43, tradução nossa). Nos livros, alguns aspectos importantes são evidenciados a respeito da personagem, como o papel central que ela ocupa no núcleo familiar dos Kishi's, o relacionamento próximo com Claudia, a figura que representa para Mary Anne e seu vínculo com Janine.

Através dos relatos de Claudia, compreendemos que é Mimi quem está sempre na casa dos Kishi's ajudando na rotina da família, seja preparando o café da manhã, fazendo um chá, cozinhando ou recebendo as visitas (MARTIN, 2012b). Quando Claudia narra como é uma manhã normal na casa da família, em meio à correria e discussões, ela repassa um diálogo entre sua mãe e sua avó, com sua mãe reconhecendo que eles estariam perdidos se não fosse por Mimi. Em seguida, Mimi retribui o carinho dizendo que é ela que estaria perdida sem saber o que fazer se não tivesse a família para cuidar (MARTIN, 2012b), o que corrobora com nossa ideia de que Mimi é essencial para a família e parece ser feliz morando com eles, além de, em um sentido tradicional, entender que seu papel é cuidar da família.

A personagem também manifesta seu carinho por meio da culinária. Com suas netas, nas oportunidades em que os pais das meninas estão ausentes e ficam somente as três na casa, Mimi prepara uma refeição especial, algo que elas gostam, mas não comem com frequência (MARTIN, 2012b). Já em relação às visitas, ela prepara uma de suas especialidades: chá. Por exemplo, na ocasião em que os vizinhos Goldman foram assaltados, Claudia comenta que Mimi não teve nem tempo de preparar seu chá, pois a polícia havia chegado rapidamente (MARTIN, 2012a). E

depois quando, sem querer a avó é rude com Mary Anne, que cuidava dela após o AVC, ela pede sua ajuda para preparar um chá especial para as duas como forma de se desculpar (MARTIN, 2012b).

Quanto aos relacionamentos de Mimi, o que ela possui com Claudia é o que mais se destaca. Notamos uma cumplicidade muito grande entre as duas, já que a neta relata se sentir compreendida por completo apenas por sua avó, que é quem apoia seus gostos e *hobbies*, como as aulas de arte e a festa de Halloween (MARTIN, 2012a), e acoberta suas aventuras, como ler os livros de mistério de Nancy Drew¹⁰ escondido de seus pais (MARTIN, 2012b). Mimi também é a pessoa favorita de Claudia para ajudá-la nas lições da escola, por ser “a única que me deixa atender ligações durante as sessões de lição de casa” (MARTIN, 2012a, posição 1050, tradução nossa), e é quem a acompanha durante as manhãs antes das aulas para que ela acorde no horário e se arrume a tempo (MARTIN, 2012b). Além disso, as duas também passam tempo juntas, cozinhando e conversando.

Quando Mimi tragicamente sofre o AVC, Claudia fica muito abalada com a situação da avó e se culpa por ter discutido com ela momentos antes disso acontecer. Verificamos a apreensão e frustração de Claudia pela condição da avó de imediato, desde o momento em que arruma a mala da avó para passar a noite no hospital e aguarda seus pais para dar as notícias, até quando não consegue conversar com a avó ao visitá-la no hospital e vê-la acamada (MARTIN, 2012b). Ao mesmo tempo, essa situação delicada reforça não só o carinho que Claudia e a vizinhança sentem por Mimi ao fazerem cartões estimando melhorias no grupo de férias, mas também a conexão entre avó e neta, uma vez que é Claudia quem percebe que Mimi consegue se comunicar piscando, embora ainda não consiga falar nem se movimentar (MARTIN, 2012b).

Basicamente, pela forma que os fatos se sucedem, a relação com Mimi parece suprir as lacunas que a relação de Claudia com seus pais deixam, e o mesmo parece acontecer com Mary Anne. Dentre todas as amigas de Claudia, ela é a que mais sente com o AVC de Mimi. Durante uma das reuniões do Clube que

¹⁰ Criada em 1930 por Edward Stratemeyer, um escritor norte-americano, Nancy Drew é uma personagem fictícia que ficou famosa por sua inteligência e curiosidade em resolver mistérios (ROBINATO, 2019). Disponível em:

<https://www.legiaojovem.com.br/quem-e-nancy-drew-citada-em-riverdale-e-stranger-things/>.

acontecem depois do incidente, Mary Anne comenta “Vocês sabem o que normalmente aconteceria neste momento da reunião? Mimi entraria aqui por algum motivo – para perguntar se precisamos de alguma coisa ou para nos lembrar de não comer muito antes do jantar” (MARTIN, 2012b, p. 63, tradução nossa).

Pelo fato de Mary Anne ter perdido a mãe cedo e Mimi ter sido amiga de sua mãe, as duas se aproximaram bastante após o falecimento da mãe de Mary Anne. Isso fica evidente em uma das reuniões do Clube, em que elas comentam sobre seus nascimentos, a partir do que suas mães haviam lhes contado, e Kristy sugere que Mary Anne fale com a mãe de Claudia ou Mimi para saber mais sobre sua mãe, já que elas eram bem próximas (MARTIN, 2012a). Somado a isso, quando Mimi retorna para casa depois de seu período internado, Mary Anne é contratada para ficar cuidando dela em uma ocasião em que Claudia e seus pais não podiam, o que demonstra a confiança e proximidade entre as duas, apesar do pequeno desentendimento que acontece entre elas (MARTIN, 2012b).

Em certos momentos, parece até que Mary Anne é mais próxima de Mimi do que Janine, já que no dia em que Mary Anne foi contratada para ficar com a personagem, ninguém consultou a disponibilidade de Janine para cuidar de sua própria avó (MARTIN, 2012b). Este fato só reforça o desejo que Janine manifestou de ser mais próxima da avó em mais de uma das conversas que teve com Claudia (MARTIN, 2012b). Este distanciamento inclusive a impediu de se sentir capaz de fazer companhia à avó em um dos momentos em que estavam somente as duas e avó já havia sofrido o AVC e precisava de um acompanhamento mais de perto (MARTIN, 2012b). No entanto, após uma das últimas conversas com Claudia, quando ela a aconselha a passar mais tempo junto a avó, isso parece melhorar. Depois dessa ocasião, Janine faz um chá especial para a avó, elas sentam juntas e conversam. E, em outro momento, Janine até se oferece a dar uma volta com Mimi (MARTIN, 2012b).

5.3.3 JANINE KISHI

Janine é a irmã mais velha de Claudia e tem entre 15 e 16 anos nos livros. Segundo Claudia, ela é uma gênio, com QI duplamente acima da média (MARTIN,

2012a), e é tão inteligente que, mesmo estando no Ensino Médio, já faz cursos na Universidade de Stoneybrook durante as férias (MARTIN, 2012b). Diferente da irmã mais nova, a personagem nunca foi considerada adolescente por sua mãe, já que ela vai bem na escola e nunca dá trabalho para ninguém (MARTIN, 2012b). Seus pais esperam que Janine tenha uma profissão importante, como física, e, por isso, acreditam que sua prioridade sempre são seus estudos, acima até mesmo de sua família, já que, mesmo quando Claudia precisa ajudar no jantar ou a cuidar de sua avó, eles preferem não incomodar Janine com suas lições (MARTIN, 2012b).

Como os livros são narrados por Claudia, presumimos que a prioridade de Janine realmente sejam seus estudos acima de tudo e que ela se orgulhe de corresponder ao que, de acordo com Claudia, seus pais vislumbram como o ideal de filha perfeita: estudiosa, com uma carreira promissora pela frente. Contudo, em determinado momento, Janine desabafa “[...] tudo que eu ouço é ‘Janine, vá estudar’ ou ‘Janine, não negligencie seus trabalhos escolares’. Ninguém nunca pede minha companhia a lugar nenhum ou minha ajuda [...]” (MARTIN, 2012b, p. 134-135, tradução nossa), demonstrando que a personagem também vivencia um nível de frustração com seus relacionamentos familiares, já que não consegue ser vista além dessas suas características. Inclusive, isso é atestado quando a personagem exprime chateação ao não ser incluída nas decisões familiares, como decidir qual seria o prato da refeição especial que ela, Claudia e Mimi fariam juntas em um jantar sem seus pais “Vocês já escolheram *waffles*?”. ‘Ok. Pode ser *waffles*. Por que você não veio me perguntar o que eu queria?’” (MARTIN, 2012b, p. 31, tradução nossa).

Esta visão limitada que seus pais possuem de si também se estende a sua irmã mais nova, o que acaba alimentando o relacionamento conflituoso entre elas. Claudia relata que Janine é mais reservada e quase não tem amigos. Segundo ela, o *hobby* preferido da personagem é passar o tempo em frente ao seu computador e em meio aos seus livros (MARTIN, 2012b). Por ser bastante estudiosa, ela costuma ter explicações detalhadas sobre quase tudo, e isso irrita Claudia, que comenta “você não pode dizer nem a coisa mais simples a ela” (MARTIN, 2012a, posição 41, tradução nossa), porque ela dá uma explicação enorme sobre aquele assunto.

O jeito de Janine falar de forma mais rebuscada e querer explicar tudo faz com que a irmã mais nova frequentemente não entenda o que ela está dizendo.

Como Claudia não tem paciência para tentar entendê-la, ela a manda ficar quieta, gerando um mal estar entre as duas, como na ocasião em que Janine estava lhe ajudando em uma lição de casa durante uma tempestade e Claudia relembrou como elas costumavam fingir acampar para dormir com seus pais por estarem com medo da tempestade, então Janine ia dizer alguma curiosidade sobre medo e Claudia encerra a conversa abruptamente ordenando que a irmã mais velha pare de falar (MARTIN, 2012a).

A partir dos diálogos entre as duas, percebemos que a resistência para uma boa relação entre as irmãs é, na maioria das vezes, por culpa de Claudia, que age de forma impaciente e defensiva e costuma tirar conclusões de sua irmã a partir de seus próprios parâmetros. Por exemplo, por Claudia valorizar a moda e enxergar as roupas como uma forma de sua expressão, ela acaba julgando sua irmã pelas delas:

Janine veste roupas que são bleh, bleh, bleh. Quando ela cresce e as passa para mim, passo diretamente para Kristy Thomas ou Mary Anne Spier, que vivem do outro lado da rua. Elas não ligam muito para roupas, mas eu não seria vista nem morta usando as da Janine. Prefiro pagar por todas as minhas roupas novas com o dinheiro que ganho cuidando das crianças do que usar as roupas da Janine, que apesar de serem de graça, são camisas de botão nojentas, kilts cinza e suéteres de gola redonda. (MARTIN, 2012b, p. 2, tradução nossa).

Porém, independente das divergências e conflitos entre as duas, Janine demonstra-se disposta a continuar tentando estabelecer um vínculo mais próximo com a irmã mais nova. A personagem expressa cumplicidade com Claudia quando se dispõe a não contar aos seus pais que ela estava lendo livros de mistério escondida deles (MARTIN, 2012b). Ela também se propõe a ouvir a explicação da irmã quando vê a polícia na casa em que trabalhava cuidando das crianças e deixa que ela conte aos seus pais o que aconteceu, sem atropelá-la e invadir seu espaço (MARTIN, 2012a).

Em certas oportunidades, elas até conseguem conversar e se conhecer melhor sem discutirem. No diálogo que elas têm sobre o incidente da polícia em que Claudia cuidava das crianças da família Newton, Janine conta ter sentido orgulho da postura da irmã e, no fim, elas descobrem que compartilham um vício em comum: doces, que escondem em seus quartos (MARTIN, 2012a). Em outra situação, quando Mimi está em casa se recuperando do AVC, Claudia retorna do batizado de

Lucy Newton e, ao descobrir que Janine não estava fazendo companhia a avó, sobe para brigar com a irmã. No entanto, ao invés de discutirem, elas acabam tendo uma conversa em que Janine desabafa não ter conseguido ficar com a avó por não saber o que fazer com ela. Ela ainda complementou dizendo que era bom que a irmã tivesse retornado, porque “Mimi prefere a você do que a mim de qualquer forma” (MARTIN, 2012b, p. 134, tradução nossa), reforçando o sentimento que tem de deslocamento na família.

Por fim, depreendemos que o que motiva grande parte das atitudes e discussões das irmãs é a visão distorcida que uma possui da outra: “Mas, Janine, você é a favorita de todo mundo. Você é tão inteligente...’. *‘Eu* sou a favorita! Não, você é. Você é popular e bonita...” (MARTIN, 2012b, p. 136, tradução nossa, itálico da autora). Além disso, na conduta das meninas também parecem pesar os diversos papéis que, internamente, cada uma sente que deve cumprir enquanto filha, neta, irmã, aluna e amiga, somado às expectativas que seus pais e outras pessoas de seu círculo social possuem sobre elas.

5.4 ESTEREOTIPIA E “O CLUBE DAS BABÁS”

Após a contextualização das personagens asiáticas amarelas Claudia Kishi, Mimi Yamamoto e Janine Kishi na franquia “O Clube das Babás” (MARTIN, 2012a, 2012b; O CLUBE..., 2020), pretendemos averiguar se nas narrativas analisadas as personagens são construídas de modo a reforçar ou negar as estereotipias de gênero e raça abordadas anteriormente. Para isso, em um primeiro momento, cada uma delas será analisada de maneira isolada e integral, considerando todos os aspectos que as caracterizam, desde suas personalidades até seus relacionamentos interpessoais. E, em seguida, analisaremos as impressões dos entrevistados no documentário da Netflix “Geração Claudia Kishi” (2020) sobre a franquia.

5.4.1 CLAUDIA KISHI

A partir da maneira que Claudia Kishi foi apresentada na série da Netflix (O CLUBE..., 2020) e nos livros de Ann M. Martin (MARTIN, 2012a, 2012b), somada a

suas atitudes e impressões durante as narrativas, constatamos a presença de quatro dos vinte elementos que permeiam a estereotipia de mulheres amarelas em sua personagem: o mito da minoria modelo, a ameaça dos estereótipos, conflitos internos e conflitos familiares, conforme pode ser observado no Quadro 2.

Quadro 2 – Estereotipia na personagem de Claudia Kishi

Claudia Kishi	
Estereótipos	Ausência ou Presença
Aparência	
Inferiorização estética	Ausência
Exotização	Ausência
Fetichização	Ausência
Personalidade	
Mito da minoria modelo	Presença
Introspecção	Ausência
Passividade	Ausência
Fofura e ingenuidade	Ausência
Frieza e assertividade	Ausência
Pouca afeição à sociabilização	Ausência
Workaholic	Ausência
Habilidades	
Matemática	Ausência
Interesses	
Tecnologia	Ausência
Problemas	
Ameaça dos estereótipos	Presença
Conflitos internos	Presença
Baixa autoestima	Ausência
Depressão	Ausência

Relacionamentos	
Sensação de eterna estrangeira	Ausência
Falta de pertencimento na comunidade	Ausência
Dificuldade nos relacionamentos interpessoais	Ausência
Conflitos familiares	Presença

Fonte: autoria nossa.

Nesta personagem, o mito da minoria modelo (TAYLOR; LEE; STERN, 1995) é verificado justamente pela reafirmação da noção de mito do termo, já que Claudia é uma negação a todos os aspectos que são esperados dos asiáticos amarelos segundo esse conceito. Ela não tem facilidade em exatas, não possui um perfil introspectivo e não tem o computador e a tecnologia como alguns de seus interesses. Como verificamos anteriormente, a pré-adolescente precisa da ajuda de seus familiares em suas lições de casa (MARTIN, 2012a) e, na série, mesmo estudando bastante para uma prova de matemática, ainda assim não consegue ir bem (O CLUBE..., 2020). Além disso, desvinculando-se por completo da ideia de minoria modelo, ela não busca o distanciamento de relações sociais, pelo contrário, tem apreço por suas amigas, família, Trevor e as crianças de quem cuida como babá.

No entanto, por mais que ela não se encaixe nas expectativas da minoria modelo, Claudia não deixa de sofrer as influências do estereótipo por meio da ameaça dos estereótipos (ARONSON et al., 1999). Na esfera escolar, existe uma pressão vinda de seus pais e professores para que ela seja uma boa aluna e tenha notas altas (MARTIN, 2012a; O CLUBE..., 2020), tendo em vista que esta não é apenas uma forma de atestar sua inteligência e QI acima da média, mas também porque é um comportamento socialmente esperado da minoria modelo. Desta forma, a falta de correspondência entre o que esperam dela e quem ela realmente é, resulta em conflitos internos prejudiciais a sua saúde mental (LORENZO; FROST; REINHERZ, 2000).

Se por um lado ela se sente completamente satisfeita com seu lado artístico e *fashionista*, e se orgulha de suas amizades e aptidão para ser babá (MARTIN, 2012a; O CLUBE..., 2020); por outro, ela vivencia um dilema constante de não ser boa o suficiente na visão de seus pais. Este dilema ocasiona um incessante processo de comparação com sua irmã em momentos aleatórios, seja divagando sozinha mentalmente durante o café da manhã, seja correlacionando inteligência e afeto em situações em que os nervos estão à flor da pele, como na discussão que tem com Mimi depois de jogarem Trivia (MARTIN, 2012b). E esta questão leva a outro problema, que são os conflitos familiares, sobretudo com Janine, como foi contemplado.

Por fim, um fator adicional aos conflitos internos e familiares experienciados pela personagem está o fato de que, por serem uma família de migração recente – dado que Mimi nasceu no Japão e foi para os Estados Unidos durante a 2^a Guerra Mundial –, muitos aspectos da cultura nipônica se fizeram presentes na criação dos pais. Por isso, embora Claudia pertença a terceira geração japonesa da família, ainda precisa lidar com as divergências entre o que é esperado dela dentro de casa e os exemplos que têm fora, tal como Chang et al. (2017) observaram em seus estudos. Deste jeito, torna-se compreensível quando, no episódio 2 “Claudia e as ligações misteriosas” (O CLUBE..., 2020), a personagem faz um desabafo com seus pais sobre eles chamarem sua atenção para a única coisa na qual ela vai mal, que é a escola, sendo que ela é boa em tantas outras que eles poderiam valorizar, como desenhar e pintar.

5.4.2 MIMI YAMAMOTO

Considerando a forma que Mimi foi apresentada por Claudia, Kristy e Mary Anne nas obras literárias e audiovisual (MARTIN, 2012a, 2012b; O CLUBE..., 2020), além de suas relações com as meninas, vizinhança e família e somado ao que foi possível aprendermos de sua história de vida, apuramos a presença de quatro dos vinte aspectos predominantes compartilhados pelas mulheres asiáticas amarelas: o mito da minoria modelo, passividade, fofura e ingenuidade, e comportamento *workaholic*, como pode ser conferido no Quadro 3.

Quadro 3 – Estereotipia na personagem de Mimi Yamamoto

Mimi Yamamoto	
Estereótipos	Ausência ou Presença
Aparência	
Inferiorização estética	Ausência
Exotização	Ausência
Fetichização	Ausência
Personalidade	
Mito da minoria modelo	Presença
Introspecção	Ausência
Passividade	Presença
Fofura e ingenuidade	Presença
Frieza e assertividade	Ausência
Pouca afeição à sociabilização	Ausência
Workaholic	Presença
Habilidades	
Matemática	Ausência
Interesses	
Tecnologia	Ausência
Problemas	
Ameaça dos estereótipos	Ausência
Conflitos internos	Ausência
Baixa autoestima	Ausência
Depressão	Ausência
Relacionamentos	
Sensação de eterna estrangeira	Ausência
Falta de pertencimento na comunidade	Ausência
Dificuldade nos relacionamentos interpessoais	Ausência
Conflitos familiares	Ausência

Fonte: autoria nossa.

Mimi é uma personagem que se relaciona e conversa abertamente com os demais personagens e, por isso, não é considerada introspectiva. No entanto, por ser muito calma, Claudia relata que a avó não costuma discordar nem ter discussões com ninguém e raramente perde a paciência (MARTIN, 2012b), o que acaba nos passando uma postura de passividade frente às questões e reforça o estereótipo de asiática passiva (SANTOS; ACEVEDO, 2013). Na única ocasião em que Mimi se irrita com Mary Anne, ela estava em uma situação delicada de recuperação de memória pós-AVC, em que seu emocional estava abalado, e logo se arrepende por ter agido daquela maneira, que não é comum dela “Me desculpe. Não tinha a intenção de... falar com você” (MARTIN, 2012b, p. 119, tradução nossa), referindo-se a gritar com a jovem.

No mais, sempre vemos a personagem cuidando dos outros, conversando em tom carinhoso e sendo atenciosa com eles. Claudia endossa essa visão: “ela é educada, muito educada, nunca diz algo rude” (MARTIN, 2012a, posição 43, tradução nossa). Assim, embora seja idosa, os traços que se sobressaem de Mimi são mais parecidos ao de uma menina fofa e ingênua (GREEN; KIM, 2005) que não vê mal em ninguém, do que de uma mulher com experiências e traumas do período da guerra, por exemplo.

Finalmente, Mimi também é *workaholic*, o que, de certa forma, remete ao perfil dedicado esperado da minoria modelo (TAYLOR; LEE; STERN, 1995). Apesar de não trabalhar fora, ela tem um papel fundamental na dinâmica da família Kishi, organizando a casa, cozinhando, ajudando Claudia a se arrumar para a escola e recepcionando as visitas (MARTIN, 2012a, 2012b; O CLUBE..., 2020) e ela faz isso de forma exaustiva. Em uma situação a personagem até comenta estar em dúvida sobre aceitar um convite para um chá da tarde por estar se sentindo cansada e suas netas, Claudia e Janine, falam que ela deveria descansar mais, porque trabalha muito e o cansaço está transparecendo até em sua aparência (MARTIN, 2012b).

5.4.3 JANINE KISHI

A combinação das impressões de Claudia sobre Janine, somada aos acontecimentos e diálogos protagonizados pela personagem com sua família e

vizinhança, possibilitou correlacionarmos Janine com onze das vinte características estereotipadas compartilhadas pelas asiáticas amarelas: o mito da minoria modelo, introspecção, frieza e assertividade, pouca afeição à sociabilização, comportamento *workaholic*, habilidade em matemática, interesse em tecnologia, conflitos internos, falta de pertencimento na comunidade, dificuldade nos relacionamentos interpessoais e conflitos familiares, de modo que pode ser comprovado no Quadro 4.

Quadro 4 – Estereotipia na personagem de Janine Kishi

Janine Kishi	
Estereótipos	Ausência ou Presença
Aparência	
Inferiorização estética	Ausência
Exotização	Ausência
Fetichização	Ausência
Personalidade	
Mito da minoria modelo	Presença
Introspecção	Presença
Passividade	Ausência
Fofura e ingenuidade	Ausência
Frieza e assertividade	Presença
Pouca afeição à sociabilização	Presença
Workaholic	Presença
Habilidades	
Matemática	Presença
Interesses	
Tecnologia	Presença
Problemas	
Ameaça dos estereótipos	Ausência
Conflitos internos	Presença
Baixa autoestima	Ausência
Depressão	Ausência

Relacionamentos	
Sensação de eterna estrangeira	Ausência
Falta de pertencimento na comunidade	Presença
Dificuldade nos relacionamentos interpessoais	Presença
Conflitos familiares	Presença

Fonte: autoria nossa.

Se por um lado, Claudia reforçava o aspecto de mito do conceito de minoria modelo (TAYLOR; LEE; STERN, 1995), por outro, Janine o endossa, na medida em que atende a todos os seus requisitos. Com um perfil introspectivo, mais reservada e com poucos amigos (MARTIN, 2012b; O CLUBE..., 2020), a personagem passa uma imagem de pouca afeição à sociabilização tanto dentro quanto fora de casa. Por ser *workaholic* e gostar de tecnologia, passa muito tempo em seu quarto, seja em meio aos seus livros ou no computador, e, por isso, não interage muito com sua família (MARTIN, 2012b) nem com as visitas, como as amigas do Clube de Claudia (O CLUBE..., 2020). Ademais, para completar as especificidades da minoria modelo, ela também tem facilidade em matemática, como é visto quando ajuda a irmã mais nova em suas lições de casa (MARTIN, 2012a).

No entanto, apesar desta sua caracterização geral ser a mesma em ambas as obras, audiovisual e literária, alguns aspectos se diferenciam na adaptação da Netflix. Na série, a imagem que Janine passa é de uma adolescente fria e assertiva (GREEN; KIM, 2005), são raros os momentos em que ela é vista demonstrando alguma alteração emocional, como no episódio 6 “Claudia e Janine” (O CLUBE..., 2020), no qual ela consola Claudia na sala de espera do hospital, após a irmã mais nova ficar chateada com o fato de não conseguir se comunicar com a avó. Todavia, nos livros, sobretudo em “Claudia e Janine” (MARTIN, 2012b), fica claro que Janine não é fria e se importa com Claudia e seus outros relacionamentos familiares, apesar de não saber muito bem como se expressar e ter uma dificuldade em estabelecer relacionamentos interpessoais (LORENZO; FROST; REINHERZ, 2000).

A partir dos diálogos presentes nos livros, também percebemos que Janine vivencia conflitos internos (CHANG et al., 2017) entre quem ela é e quem ela gostaria de ser, como pode ser atestado no momento em que Janine diz a sua irmã: “*Eu sou a favorita! Não, você é. Você é popular e bonita...*” (MARTIN, 2012b, p. 136, tradução nossa, itálico da autora). Nessa fala, é possível sentirmos sua frustração consigo mesma, mesmo que pela visão de seus pais, ela atenda aos ideais de filha perfeita. E esses conflitos experienciados parecem se agravar ainda mais frente a comparação com sua irmã, que consegue se integrar bem na família e comunidade, ao contrário dela.

Por último, pelos desabafos que Janine faz com Claudia, percebemos que ela se sente distante de seus pais e do restante da família: “Bem, de qualquer forma, ninguém me quer como parte desta família” (MARTIN, 2012b, p. 133, tradução nossa) e “[...] Ninguém nunca pede minha companhia a lugar nenhum ou minha ajuda [...]” (MARTIN, 2012b, p. 134, tradução nossa). Em parte, isso se deve à sua própria postura de ficar trancada em seu quarto. Contudo, Claudia também admite que a outra parcela da culpa é deles, que esquecem de chamar a irmã mais velha para participar do preparo das refeições, por exemplo, “Amo ajudar Mimi na cozinha. Não sei porque Janine não gosta. Claro, quase nunca lembramos de chamá-la” (MARTIN, 2012b, p. 32, tradução nossa). E essas questões reforçam esse seu sentimento de falta de pertencimento na comunidade (LEE; MANGHIRMALANI; HIGA, 2019).

5.4.4 DOCUMENTÁRIO “GERAÇÃO CLAUDIA KISHI”

O documentário “Geração Claudia Kishi” (2020) produzido pela Netflix entrevistou alguns asiáticos amarelos com o propósito de coletar suas percepções sobre a protagonista Claudia Kishi e entender a influência e os efeitos que a existência deste tipo de representatividade teve em suas infâncias entre os anos 1980 e 1990, especialmente por se tratar de uma época em que Claudia era uma das poucas personagens amarelas que eram protagonistas e foram construídas com profundidade no universo de livros, filmes ou programas de TV.

Pensando nisso, procuramos avaliar se, dentre os tópicos abordados nesses depoimentos, os estereótipos asiáticos listados no Quadro 5 foram trazidos ou não à discussão sobre a franquia “O Clube das Babás” e, especificamente, a personagem de Claudia Kishi. Nossa conclusão foi de que, dos vinte rótulos comumente atrelados às mulheres amarelas, os entrevistados debateram quatorze deles, tanto em relação ao objeto de análise em si, quanto às suas próprias vivências, sendo eles: a inferiorização estética, exotização, fetichização, mito da minoria modelo, introspecção, passividade, pouca afeição à sociabilização, matemática, ameaça dos estereótipos, conflitos internos, sensação de eterna estrangeira, falta de pertencimento na comunidade, dificuldade nos relacionamentos interpessoais e conflitos familiares.

Quadro 5 – Estereotipia no documentário “Geração Claudia Kishi” (2020) da Netflix

Documentário “Geração Claudia Kishi”	
Estereótipos	Ausência ou Presença
Aparência	
Inferiorização estética	Presença
Exotização	Presença
Fetichização	Presença
Personalidade	
Mito da minoria modelo	Presença
Introspecção	Presença
Passividade	Presença
Fofura e ingenuidade	Ausência
Frieza e assertividade	Ausência
Pouca afeição à sociabilização	Presença
Workaholic	Ausência
Habilidades	
Matemática	Presença
Interesses	
Tecnologia	Ausência

Problemas	
Ameaça dos estereótipos	Presença
Conflitos internos	Presença
Baixa autoestima	Ausência
Depressão	Ausência
Relacionamentos	
Sensação de eterna estrangeira	Presença
Falta de pertencimento na comunidade	Presença
Dificuldade nos relacionamentos interpessoais	Presença
Conflitos familiares	Presença

Fonte: autoria nossa.

Pelos comentários das entrevistadas a respeito de Claudia Kishi, a sensação que tivemos é que o principal aspecto que as levaram a se identificarem com a personagem é o fato dela rebater o mito da minoria modelo (TAYLOR; LEE; STERN, 1995). Por ter uma personalidade extrovertida, divertida e autoconfiante, que se contrapõe ao perfil sério, reservado e pouca afeição à sociabilização esperado pelos asiáticos, as participantes do documentário relatam ter se sentido genuinamente representadas, já que ela era um exemplo que reforçava a possibilidade delas serem quem elas eram de verdade, artistas e criativas, apesar das expectativas externas. Algumas falas descrevendo Claudia comprovam isso, como a de Sakugawa, “excêntrica, eclética e à frente de seu tempo. [...] Claudia não se desculpava por ser quem era” (GERAÇÃO..., 2020), e de Kuhn, “uma personagem ásio-americana ou até mesmo não-branca geralmente não era tão descolada. Ela é uma personagem incrível que eu acho que foi contra os estereótipos da minoria modelo” (GERAÇÃO..., 2020).

Lee (GERAÇÃO..., 2020) comenta que se identificou com Claudia pelo sentimento em comum de serem uma decepção aos seus pais. Pela contraposição a imagem de Janine, que era estudiosa, inteligente, boa em matemática, discreta e mais próxima do ideal da minoria modelo, ela sentia que, assim como Claudia, tinha

que corresponder a essa ideia de filha perfeita. E essa necessidade assombrava a ambas, já que elas sabiam que não eram como Janine. A partir desse desabafo, percebem-se pontos em comum entre Lee e Claudia, a exemplo da ameaça dos estereótipos (ARONSON et al., 1999), que se fez presente em suas vidas, direcionando-as a momentos de frustração, conflitos internos e familiares (CHANG et al., 2017) pela divergência entre o que era esperado delas e quem elas gostariam de ser e o que gostariam de fazer.

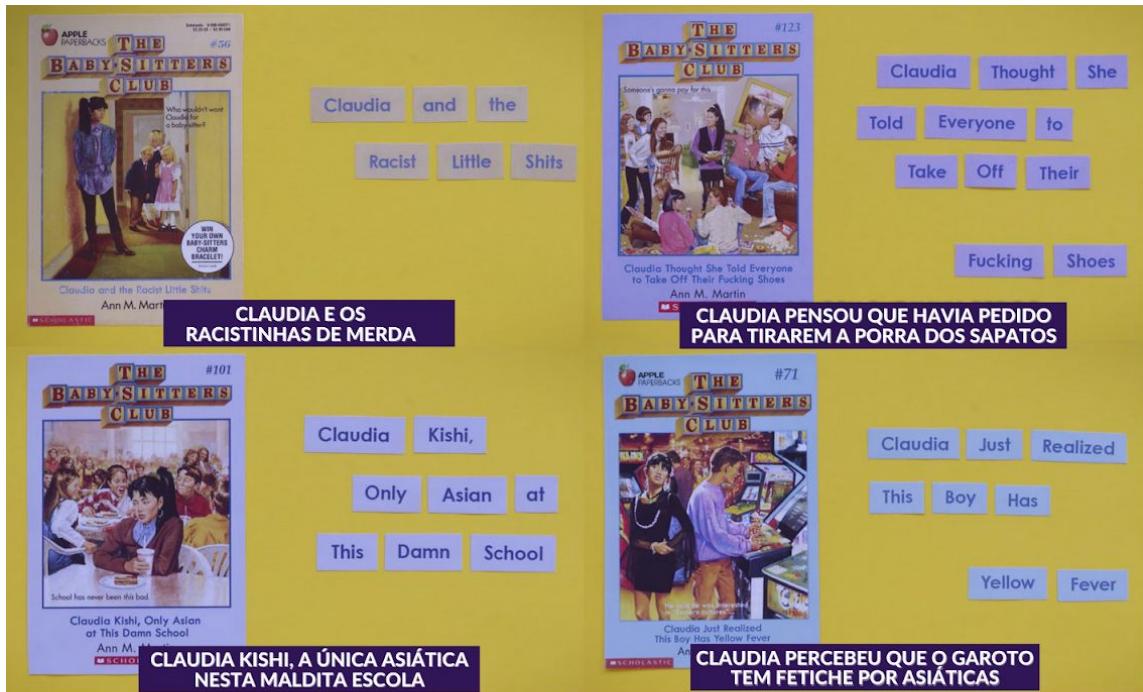
Contudo, como uma forma de balancear suas relações interpessoais, especificamente as familiares, elas relembram a relação de Claudia e Mimi, em que Mimi desempenhava o papel de avó legal, que entendia a neta perfeitamente e ficava ao seu lado, incentivando seu lado artístico. Isso é ainda mais especial se comparado às pressões familiares que as asiáticas-americanas recebiam, como Sakugawa comentou: “[...] ouvindo dos mais velhos que não devem se destacar muito, nem causar problemas e que devem se misturar. [...] eu considerava muito especial essa ideia de que podemos ser nós mesmos sem precisar esconder do mundo” (GERAÇÃO..., 2020), corroborando com os estudos de Chang et al. (2017).

Outra questão levantada são as micro agressões, aos quais os asiáticos estão sujeitos. Yu, único entrevistado homem, menciona que os livros não abordaram as micro agressões, mas imagina que Claudia provavelmente as vivenciou, tal como os demais asiáticos-americanos experienciaram ao longo de suas vidas. Ele sugere até uma releitura dos títulos de alguns dos livros, tornando-os mais realistas às situações, (Figura 14), como “‘Claudia e os racistinhos de merda’. ‘Claudia Kishi, a única asiática nesta maldita escola’. ‘Claudia percebeu que o garoto tem fetiche por asiáticas’. ‘Claudia pensou que havia pedido para tirarem a porra dos sapatos’” (GERAÇÃO..., 2020).

Apesar de parte das falhas apontadas terem sido corrigidas na adaptação da Netflix, como o hábito de tirar os sapatos antes de circular pela casa dos Kishi's (O CLUBE..., 2020), e outros deles nem serem objetos da temporada produzida por ela, é interessante notar que os elementos destacados nessa releitura remetem a diversas temáticas que dialogam e se misturam entre si, como: a falta de pertencimento à comunidade (LEE; MANGHIRMALANI; HIGA, 2019), sensação de eterna estrangeira, exotização (URBANO; MELO, 2018), fetichização (LEE;

MANGHIRMALANI; HIGA, 2019) e até mesmo dificuldade nas relações interpessoais (LORENZO; FROST; REINHERZ, 2000), devido à incompreensão e desrespeito com as diferenças culturais.

Figura 14 – Proposta de releitura dos títulos de algumas obras de Ann M. Martin por Phil Yu



Fonte: montagem de autoria nossa com imagens capturadas no documentário “Geração Claudia Kishi” (2020) da Netflix.

Galligan (GERAÇÃO..., 2020) ainda soma a esta problemática o fato das histórias serem contadas pela perspectiva de brancas. Sakugawa (GERAÇÃO..., 2020) complementa a discussão trazendo a descrição de Claudia com “olhos em forma de amêndoas” (GERAÇÃO..., 2020), que chama a atenção por reafirmar a exoticiade (URBANO; MELO, 2018) e até mesmo a inferiorização estética das asiáticas frente aos padrões de beleza brancos vigentes (SCHUCMAN, 2014).

Com um olhar geral às produções da época e questões de representatividade asiática na mídia, Kuhn acrescenta que havia problemas, como o *yellowface* e a relegação de personagens asiáticos a papéis secundários, em detrimento de protagonistas. Ela ressalta que havia uma

sensação generalizada de ser excluído na mídia, de ser um eterno estrangeiro, de nunca ser americano, e eu me lembro de sentir isso na escola, com as crianças me perguntando de onde eu era ou

puxando os olhos para zombar de mim. Eu me lembro muito bem de como tudo isso me afetou. (GERAÇÃO..., 2020).

Este relato da entrevistada reitera a importância da representatividade na mídia, dado o potencial que suas imagens possuem de estabelecer correlações com a vida real (SILVERSTONE, 2002) e é complementado por Lee:

quando você não se vê na mídia, quando não vê pessoas iguais a você, você pensa: 'Sou defeituoso', 'Não sou normal', ou 'Não existo'. Esses pensamentos vêm do inconsciente, mas eles... Eles são dolorosos, especialmente quando você acha que o mundo... Quando você vê o mundo como se não fizesse parte dele. (GERAÇÃO..., 2020).

Assim, evidenciamos que a presença de personagens às quais as asiáticas possam se identificar é essencial, principalmente na infância, quando as crianças estão começando a construir sua identidade e aprendendo qual é seu lugar no mundo. E, neste processo, elas utilizam os referenciais da mídia para isso (KELLNER, 2001), como Cucukov coloca: “É fácil de identificar quem é uma Claudia Kishi. Existe uma autoconfiança e, com certeza, um sentimento de camaradagem quando se vê uma garota asiática que não se encaixa nos padrões. No fim das contas, nenhuma de nós se encaixava” (GERAÇÃO..., 2020).

Desta forma, embora os entrevistados apontem alguns defeitos na maneira que Claudia Kishi foi construída nos livros (MARTIN, 2012a, 2012b), a importância da personagem para essa geração em termos de identificação, autoconfiança e visibilidade é incontestável. Galligan comenta que “[...] ver alguém como a Claudia trilhando o próprio caminho me ajudou a sentir mais conexão com quem eu sou. É bom saber que não há só uma forma de ser asiática. Posso ser eu, e tudo bem” (GERAÇÃO..., 2020). Lee acrescenta: “o legado dela é que ela foi algo além de uma personagem. As crianças dos anos 1990 agora são adultos conquistando um lugar no mundo e criando um mundo próprio” (GERAÇÃO..., 2020).

Portanto, notamos que a representatividade e promoção de respeito à diversidade se fazem necessárias para que, no mundo real, as jovens tenham em quem se espelhar e identificar. E isso retoma nossa reflexão sobre o papel da mídia, enquanto instituição social, de exercer sua função efetivamente no que concerne a diversidade e inclusão, de maneira que os grupos considerados minoritários também se vejam devidamente representados.

5.5 CONSIDERAÇÕES DAS ANÁLISES

Após o levantamento de todas as características das três personagens amarelas, Claudia Kishi, Mimi Yamamoto e Janine Kishi (MARTIN, 2012a, 2012b; O CLUBE..., 2020) e a verificação da presença ou ausência de estereótipos nelas, combinado à visão trazida pelos entrevistados no documentário da Netflix “Geração Claudia Kishi” (2020) e ao exame do núcleo asiático da franquia como um todo, constatamos que a adaptação da Netflix reduziu ao máximo os resquícios de estereotipia prejudiciais que existiam nas narrativas das obras literárias, tornando esta nova versão uma narrativa contraestereotípica (PEREIRA, 2019).

Ao retomar a conceituação de Pereira (2019) sobre os elementos que auxiliam a construção das narrativas contraestereotípicas e adaptar seu quadro para a franquia “O Clube das Babás” (Quadro 6), percebemos que no produto de *streaming* os elementos são combatidos um a um. Por exemplo, ainda que Janine contenha muitos traços que, originalmente, são estereótipos das asiáticas, a presença de Claudia e Mimi com características totalmente diferentes das dela contrariam a tentativa de tornar igual todos as personagens amarelas e traz a multiplicidade que existe dentro deste grupo considerado minoritário.

Quadro 6 – Adaptação do quadro de narrativas contraestereotípicas de Pereira (2019) para a franquia “O Clube das Babás” (2020) da Netflix

CRITÉRIO	É PROVÁVEL QUE FAÇA O USO DE ESTEREÓTIPOS SE	VOCÊ PODE TENTAR CORRIGIR SE	N SÉRIE
CONSTRUCTOS			
1. TRAÇOS PSICOLÓGICOS	COMPARTILHADOS	METAS	→ GOSTOS E HOBIES DIFERENTES
2. ESTEREÓTIPOS	EXPECTATIVAS	VALORES	→ VALORES DIVERSOS
RELACIONES PARTE-TODO			
3. HOMOGENEIDADE	HOMOGENEIDADE	HETEROGENEIDADE	→ DIVERSIDADE DE PERSONALIDADES
4. DIFERENCIACÃO	SEGREGAÇÃO	INCLUSÃO	→ PERTENCIMENTO, RESPEITO E INTEGRAÇÃO
TEORIA ANTROPOLÓGICA			
5. ESTABILIDADE	BUSCA DE CONSISTÊNCIA	MUDANÇA	→ AVENTURAS E ADVERSIDADES
6. CRESCIMENTO	PERMANÊNCIA	APERFEIÇOAMENTO	→ AMBIÇÕES E EXPECTATIVAS

Fonte: modificação de autoria nossa com base no quadro original de Pereira (2019, p. 99).

O primeiro constructo, dos traços psicológicos, é negado pelas próprias personalidades e interesses das personagens, que são variadas entre si. Os principais gostos e *hobbies* de Claudia são as artes, moda e cuidar de crianças, os de Mimi são chá, tricô e cozinhar, e os de Janine são conhecimentos gerais, tecnologia e estudar. Não há nenhuma característica que seja compartilhada e manifestada de forma similar entre todas as três. Nem mesmo a questão da minoria modelo, que é o estereótipo mais forte entre as asiáticas, nem a língua japonesa, a despeito da origem da família.

O segundo elemento, dos estereótipos, que diz respeito às crenças compartilhadas, também não é percebido nesta narrativa. Com exceção do episódio em que Mimi sofre AVC e a família torna-se a prioridade para as três, nos demais momentos elas parecem valorizar coisas distintas. Claudia parece dar mais valor às suas amizades, paixonites e o Clube, enquanto Mimi concentra suas energias na família e Janine em seus estudos.

O terceiro critério, da homogeneidade, é contraposto pela diversidade comportamental pelas personagens, embora sejam todas asiáticas amarelas. É neste ponto que as diferentes personalidades enfatizam a diversidade existente dentro da minoria. Claudia com sua personalidade extrovertida, criativa e amigável, Mimi com sua doçura, delicadeza e paciência, e Janine com seu jeito mais reservado, observador e centrado.

O quarto quesito, da diferenciação, é refutado por aspectos mais gerais da trama, como a presença de figurantes asiáticos, que demonstra a diversidade como parte da sociedade à qual elas pertencem e não limitada à sua família; e a naturalização de costumes culturais asiáticos, como usar *hashis* para comer e tirar os sapatos dentro de casa. E também por situações específicas, nas quais se constata a integração, solidariedade e carinho entre os Kishi's e a vizinhança, a exemplo da noite em que Mimi sofre o AVC e os Thoma's e Spier's vão jantar e fazer companhia a Claudia e Janine em sua casa, junto a Stacey e Dawn (O CLUBE..., 2020).

O quinto aspecto, da estabilidade, é contrariado já de imediato pela falta de traços comuns a todas as asiáticas amarelas, e, depois pela ausência em si de piadas baseadas em quaisquer que sejam seus traços físicos, dado que a ausência

de imagens também significam algo importante (GERBNER, 1973; HALL, 2005). Desta maneira, ao invés de trazer dinamismo à narrativa por meio de piadas de cunho racista, foram exploradas aventuras e situações adversas nas vidas das protagonistas, seja Claudia em um dilema moral para ir à festa de Halloween da escola, seja a reorganização da família e do Clube diante do acidente de Mimi.

Por fim, o sexto, de crescimento, é rejeitado pelas diferenças explícitas entre as ambições de vida e expectativas de comportamento entre Claudia, Janine, a mãe das meninas e Mimi, que, apesar de serem do mesmo gênero, não fazem todas parte da mesma geração e, portanto, possuem visões de mundo diferentes. Claudia quer ser uma artista e vai atrás de seus sonhos, expondo seu trabalho na mostra de arte do seu estado. No entanto, na via oposta, sua mãe valoriza boas notas na escola e acredita que isso é sinônimo de sucesso. Janine gosta de saber das coisas e estuda para isso, mas, pelo que parece, o faz por ser um interesse propriamente seu e não pela pressão de seus pais. E Mimi, por sua vez, com toda sua bagagem de vida, busca tranquilidade e conforto, sendo feliz cuidando do lar e tomando uma boa xícara de chá com as suas visitas.

Isto posto, é possível averiguarmos que todas particularidades que caracterizam a estereotipia de uma narrativa estão ausentes nesta adaptação do “O Clube das Babás” (2020) feita pela Netflix. Logo, ao menos sob a ótica da minoria asiática, podemos classificá-la como uma narrativa contraestereotípica. Ainda, é válido fazermos uma observação de que, se a análise tivesse sido centrada apenas na personagem de Claudia Kishi, ela poderia ser interpretada como uma exceção dentro do grupo das asiáticas amarelas, fazendo com que a narrativa fosse vista como contraintuitiva, ao invés de contraestereotípica. Já que, neste caso, a personagem “estimularia um conjunto de dinâmicas cognitivas capazes de produzir ‘outras/novas’ associações na memória dos indivíduos sobre determinados conteúdos” (LEITE; LIMA; BATISTA, 2019, p. 134), porém, sem quebrar, de fato, os estereótipos pertinentes a essa minoria.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade estruturada na branquitude e no machismo, os grupos considerados minoritários são aqueles mais vulneráveis aos estereótipos que a indústria do entretenimento propaga em seus produtos midiáticos. Devido à influência que esses conteúdos exercem no imaginário dos telespectadores, a forma que os sujeitos são retratados possui grande capacidade de influenciar a construção de suas identidades e visões de mundo (GERBNER, 1973). Pensando nisso, buscamos entender o papel social que as narrativas veiculadas pelos produtos midiáticos exercem frente aos estereótipos das mulheres asiáticas amarelas em contextos ocidentais.

Para tal, inicialmente, fizemos um levantamento dos estereótipos específicos às mulheres amarelas. A partir dele, constatamos que os estereótipos acarretam em pressões que perpassam diversos aspectos da vida das asiáticas, desde a inferiorização de suas aparências (SCHUCMAN, 2014) e opressão pela indústria da beleza (WOLF, 2018) até os impactos na saúde mental (LORENZO; FROST; REINHERZ, 2000) e conflitos nas relações familiares provocados tanto pelas diferenças culturais quanto pela divergência de expectativas dentro e fora de casa (CHANG et al., 2017).

Com isso em vista, procuramos entender a função das narrativas contraestereotípicas (PEREIRA, 2019) enquanto alternativa à estereotipia na mídia. Por meio do combate à propagação de estereótipos que reforçam preconceitos contra as minorias, essas narrativas apresentam bons instrumentos para diminuir a presença de personagens estereotipados nos produtos midiáticos, conforme observado na análise de conteúdo da franquia “O Clube das Babás” (MARTIN, 2012a, 2012b; O CLUBE..., 2020).

A análise de conteúdo da adaptação “O Clube das Babás” (2020) da Netflix, provou que a plataforma de *streaming* pode, de fato, ser vislumbrada como uma esperança para a redução da estereotipia na mídia, já que permite que as narrativas contraestereotípicas exerçam sua funcionalidade. Nessa série, que constitui o objeto de estudo, não foi constatada nem *whitewashing* nem *yellowface*, o que, para a indústria hollywoodiana, é um grande avanço. Inclusive, atestamos uma cautela na

construção dessa narrativa infanto-juvenil, a fim de que a produção não surtisse um efeito contrário ao esperado, de endossar o preconceito contra as asiáticas ao invés de confrontá-lo, conforme Batista (2019) alertou. Deste modo, podemos dizer que o objetivo de entender as narrativas contraestereotípicas não apenas foi atingido, como também nos permitiu compreender que elas são favoráveis à quebra de rótulos limitantes aos grupos considerados minoritários.

Ademais, o Relatório de Diversidade de Hollywood 2020 (HUNT; RAMÓN, 2020) apontou uma tendência crescente na busca pelo aumento da diversidade em Hollywood, o que é um bom sinal, posto que os produtos culturais norte-americanos possuem alcance e influência global (KELLNER, 2001). Comprovando esse cenário promissor, os depoimentos do documentário “Geração Claudia Kishi” (GERAÇÃO..., 2020) demonstraram a existência de um público consumidor que anseia por narrativas que transponham a estereotipia habitual em narrativas de representatividade asiática amarela.

Por meio da análise de Claudia, Mimi e Janine, somada a um olhar da franquia como um todo, certificamos que “O Clube das Babás” (2020) resgatou a pluralidade de histórias existentes dentro da minoria asiática e a singularidade de seus indivíduos, englobando a diversidade existente dentro desse grupo considerado minoritário e, consequentemente, rompendo com os estereótipos raciais e seus malefícios (MOLINARI; BONNICI, 2009). A multiplicidade presente entre as personagens as tornam exemplos importantes para a geração mais nova, que, enquanto receptora da obra, as percebem e interpretamativamente com base em suas próprias experiências (THOMPSON, 2008).

Além disso, com suas diferentes personalidades, motivações e jeitos de ser, as personagens da família Kishi mostraram que a ameaça dos estereótipos pode se manifestar de diferentes formas sobre cada pessoa, principalmente quando relacionadas à pressão de corresponder aos ideais da minoria modelo, no caso das asiáticas amarelas. O lado positivo é que essa constatação dá margem para que a franquia atinja uma gama de meninas tão distintas quanto as personagens, as quais, por meio do papel principal da mídia, de ofertar o intercâmbio entre realidade e ficção (SILVERSTONE, 2002), têm a oportunidade de ir de encontro a uma representatividade mais próxima de sua realidade.

Portanto, concluímos que, além das perspectivas de representatividade e diversidade na mídia de entretenimento serem positivas e necessárias, elas ainda caminham na mesma direção que as pautas sociais das sociedades ocidentais. Há uma crescente discussão sobre a importância de se ter figuras nas quais os sujeitos de minorias-étnicas possam se enxergar e inspirar desde crianças, de modo que consigam ter clareza de que pertencem à sociedade da qual fazem parte. Essa tendência pode ser, inclusive, confirmada pelas mudanças divulgadas pelo Oscar sobre os critérios para a categoria de melhor filme, que entrarão em vigor a partir de 2024 e estão relacionadas à representatividade de minorias nas telas e nos bastidores (G1, 2020).

Dito isso, esperamos que, daqui alguns anos, produtos midiáticos com personagens, atores e narrativas de grupos considerados minoritários sejam tão comuns e naturais que não precisemos relembrar à mídia que seu papel enquanto instituição social é combater narrativas e imagens que reforcem o preconceito contra as minorias e/ou as invisibilizem. Porém, enquanto isso não acontece, sugerimos a continuidade desses estudos por meio da análise de outras produções culturais voltadas ao público infanto-juvenil com o propósito de averiguar se as narrativas propagadas ajudam a reverberar ou silenciar a estereotipia, não só aquela relativa às asiáticas amarelas, mas também aos demais grupos considerados minoritários.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO**: Fragmentos Filosóficos. [S. l.: s. n.], 1947.
- ARONSON, Joshua *et al.* When White Men Can't Do Math: Necessary and Sufficient Factors in Stereotype Threat. **Journal of Experimental Social Psychology**, Estados Unidos, p. 29-46, 1999. Disponível em: <https://sfbUILD.sfsu.edu/sites/default/files/ST-Workshop-References/When%20White%20Men%20Can%20Do%20Math-%20Necessary%20and%20Sufficient%20Factors%20in%20Stereotype%20Threat.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA (Estado do Rio Grande do Sul). **Manual de Redação: Mídia Inclusiva**. Porto Alegre, julho 2011. Disponível em: http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/uploads/1313497232Manual_de_Redacao_AL_Inclusiva.pdf. Acesso em: 14 ago. 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, agosto 2011. 279 p. ISBN 978-85-62938-04-7.
- BATISTA, Leandro Leonardo. ANTIRRACISMO, RECONSOLIDAÇÃO DE MEMÓRIA E MIXED REALITY. In: LEITE, Francisco; BATISTA, Leandro Leonardo (org.). **PUBLICIDADE ANTIRRACISTA**: Reflexões, Caminhos e Desafios. São Paulo: ECA-USP, 2019. cap. 4, p. 111-131. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/431/382/1517-1>. Acesso em: 9 jul. 2020.
- CABECINHAS, Rosa. **Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais**. Actas do II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 21-24 abr. 2004.
- CHANG, Tiffany K. *et al.* Asian American Female College Students' Subjective Femininity Conceptualizations: Using a Mixed-Methods Approach. **JOURNAL OF MULTICULTURAL COUNSELING AND DEVELOPMENT**, Estados Unidos, v. 45, p. 260-275, outubro 2017.
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: EDITORA ATLAS S.A., 2005. cap. 18, p. 280-304.
- G1. Oscar vai exigir mais diversidade em indicados a melhor filme a partir de 2024. **G1**, [s. l.], 8 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2020/09/08/oscar-vai-exigir-mais-diversidade-em-indicados-a-melhor-filme-a-partir-de-2024.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- GERAÇÃO Claudia Kishi. Estados Unidos: Netflix, 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81284581>. Acesso em: 13 set. 2020.

GERBNER, George. Cultural Indicators: The Third Voice. *In: GERBNER, George; GROSS, Larry P.; MELODY, William H. (ed.). Communications Technology and Social Policy: Understanding the new "cultural revolution". [S. l.]: Wiley-Interscience, 1973. cap. 36, p. 555-573.*

GREEN, Denise O'Neil; KIM, Eunyoung. Experiences of Korean Female Doctoral Students in Academe: Raising Voice Against Gender and Racial Stereotypes. **Journal of College Student Development**, Estados Unidos, v. 46, ed. 5, p. 487-500, setembro/outubro 2005. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/187358/pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020.

HALL, STUART. **Raça, Cultura e Comunicações**: olhando para trás e para frente dos estudos culturais. Tradução: Helen Hughes. Revisão técnica: Yara Aun Khoury. Brasil, 2005.

HIGA, Laís Miwa. **UMI NU KANATA – DO OUTRO LADO DO MAR**: história e diferença na “comunidade okinawana brasileira”. Orientador: Lilia Katri Moritz Schwarcz. 2016. 246 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12012016-140524/publico/2015_LaisMiwaHiga_VCorr.pdf. Acesso em: 22 ago. 2020.

HUNT, Darnell; RAMÓN, Ana-Christina. Part 1: Film. *In: UCLA COLLEGE* (Estados Unidos). **HOLLYWOOD DIVERSITY REPORT 2020: A TALE OF TWO HOLLYWOODS**. Estados Unidos, 6 fev. 2020. Disponível em: <https://socialsciences.ucla.edu/wp-content/uploads/2020/02/UCLA-Hollywood-Diversity-Report-2020-Film-2-6-2020.pdf>. Acesso em: 2 set. 2020.

KAUR, Rupi. **O que o sol faz com as flores**. 1ª. ed. Brasil: Planeta, 2018. 256 p.

KELLNER, Douglas. Guerras entre teorias e estudos culturais. *In: KELLNER, Douglas. A Cultura da mídia*: Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001. cap. 1, p. 25-74.

LEE, Caroline Ricca; MANGHIRMALANI, Juily; HIGA, Laís Miwa. NARRATIVAS ASIÁTICAS BRASILEIRAS: identidade, raça e gênero. *In: LIMA, Emanuel Fonseca; SANTOS, Fernanda Fernandes dos; NAKASHIMA, Henry Albert Yukio; TEDESCHI, Losandro Antonio (org.). ENSAIOS SOBRE RACISMOS*: Pensamento de fronteira. São Paulo: Balão Editorial, 2019. p. 126-134. Disponível em: https://ocarete.org.br/wp-content/uploads/2020/05/ensaios_sobre_racismos_novo.pdf. Acesso em: 11 jul. 2020.

LEITE, Francisco; BATISTA, Leandro Leonardo. A ameaça dos estereótipos e a publicidade contraintuitiva. **Conexão - Comunicação e Cultura**, Rio Grande do Sul, v. 10, n. 20, p. 113-134, jul./dez. 2011. Disponível em:

<http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/911/971>. Acesso em: 9 jul. 2020.

LEITE, Francisco; LIMA, Lunalva de Oliveira Mendes; BATISTA, Leandro Leonardo. YOUTUBERS NEGRAS E NARRATIVAS MIDIÁTICAS CONTRAINTUITIVAS: REFLEXÕES SOBRE AUTOEFICÁCIA E AMEAÇA DOS ESTEREÓTIPOS. In: LEITE, Francisco; BATISTA, Leandro Leonardo (org.). **PUBLICIDADE ANTIRRACISTA**: Reflexões, Caminhos e Desafios. São Paulo: [s. n.], 2019. cap. 5, p. 133-170. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/431/382/1517-1>. Acesso em: 16 dez. 2020.

LIPPmann, Walter. STEREOTYPES. In: LIPPmann, Walter. **Public Opinion**. Estados Unidos: PROJECT GUTENBERG EBOOK, 2014. cap. 6-10. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/cache/epub/6456/pg6456.html>. Acesso em: 28 jul. 2020.

LORENZO, May Kwan; FROST, Abbie K.; REINHERZ, Helen Z. Social and Emotional Functioning of Older Asian American Adolescents. **Child and Adolescent Social Work Journal**, Estados Unidos, v. 17, ed. 4, p. 289-304, agosto 2000.

MARTIN, Ann M. **The Baby-Sitters Club #2**: Claudia and the Phantom Phone Calls. Estados Unidos: Scholastic Inc., 2012a. *E-book* (1482 posições).

MARTIN, Ann M. **The Baby-Sitters Club #7**: Claudia and Mean Janine. Estados Unidos: Scholastic Inc., 2012b. *E-book* (160 p.).

MOLINARI, Soraya Christina Maldonado; BONNICI, Thomas. Os estereótipos raciais em Small Island, de Andrea Levy. In: **CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS**. Anais... Maringá, 2009, p. 1014-1021.

NETFLIX. **Quem somos**: Sobre a Netflix. [S. I.], 2020?. Disponível em: https://about.netflix.com/pt_br. Acesso em: 31 ago. 2020.

O CLUBE das Babás. Direção: Lucia Aniello. Estados Unidos: Netflix, 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81005407>. Acesso em: 13 set. 2020.

OLIVEIRA, Fernando. Caso Danni Suzuki abre discussão sobre representação oriental nas novelas. **Uol**: SPLASH, Brasil, 1 set. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/fefito/2020/09/01/representatividade-oriental-nas-novelas-da-globo.htm>. Acesso em: 29 set. 2020.

PEREIRA, Marcos Emanoel. ESTEREÓTIPOS NA PUBLICIDADE: COMO A PSICOLOGIASOCIAL PODE NOS AJUDAR A IDENTIFICÁ-LOS E EVITÁ-LOS?. In: LEITE, Francisco; BATISTA, Leandro Leonardo (org.). **PUBLICIDADE ANTIRRACISTA**: Reflexões, Caminhos e Desafios. São Paulo: [s. n.], 2019. cap. 3, p. 87-110. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/431/382/1517-1>. Acesso em: 28 jul. 2020.

RAMOS, Dino-Ray. Study Reveals Young Viewers See Themselves Reflected On TV And Film Via Diverse Characters. **Deadline**, Estados Unidos, 25 fev. 2020. Disponível em: <https://deadline.com/2020/02/netflix-study-young-americans-diversity-representation-inclusion-1202867526/>. Acesso em: 2 set. 2020.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005. 96 p.

ROBINATO, Talita. Quem é Nancy Drew, citada em Riverdale e Stranger Things?. **Legião Jovem**, [s. l.], 7 ago. 2019. Disponível em: <https://www.legiaojovem.com.br/quem-e-nancy-drew-citada-em-riverdale-e-stranger-things/>. Acesso em: 5 nov. 2020.

SANTOS, Caynnã de Camargo; ACEVEDO, Claudia Rosa. A minoria modelo: uma análise das representações de indivíduos orientais em propagandas no Brasil. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 13, n. 27, p. 281-300, ago. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X201300020006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 jul. 2020.

SANTOS, Israel Jairo. **AMEAÇA DO ESTEREÓTIPO EM JOVENS NEGROS NA ESCOLHA PROFISSIONAL**. Orientador: Dalila Xavier de França. 2018. 163 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2018. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10336/2/ISRAEL_JAIRO_SANTOS.pdf. Acesso em: 17 jul. 2020.

SCHUCMAN, Lia V. (2014). **Sim, nós somos racistas**: estudo psicossocial da branquitude paulistana. São Paulo: Psicologia & Sociedade, 26(1), p. 83-94.

SEYFERTH, Giralda. A INVENÇÃO DA RAÇA E O PODER DISCRICIONÁRIO DOS ESTEREÓTIPOS. **Anuário Antropológico**, [s. l.], v. 18, ed. 1, p. 175-203, 1994. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6581/7559>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

TAYLOR, Charles R.; LEE, Ju Yung; STERN, Barbara B.. Portrayals of African, Hispanic, and Asian Americans in magazine advertising. **American Behavioral Scientist**, v. 38, n. 4, 1995, p. 608+. Gale Academic OneFile. Disponível em: <https://link-gale.ez67.periodicos.capes.gov.br/apps/doc/A16684084/AONE?u=capes&sid=AONE&xid=3e77146f>. Acesso em: 26 jul. 2020.

THOMPSON, John B. Comunicação e contexto social. In: **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, cap. 1, p. 19-46.

URBANO, Krystal; MELO, Maria Elizabeth Pinto de. A Representação dos Asiáticos na TV Brasileira: Apontamentos iniciais. *In: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2018, Joinville, Santa Catarina. **A Representação dos Asiáticos na TV Brasileira: Apontamentos iniciais** [...]. Rio de Janeiro: [s. n.], 2018. p. 1-17. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1713-1.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

VIANA, Victor. O que é LGBTQIA+? Descubra o significado da sigla completa com o Purebreak. **Purebreak**, Brasil, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://www.purebreak.com.br/noticias/o-que-e-lgbtqia-descubra-o-significado-da-sigla-completa-com-o-purebreak/94600>. Acesso em: 14 ago. 2020.

VILLA, Isabela. Abertura do Emmy Awards 2018 falou da falta de diversidade em Hollywood. **M de Mulher**: Famosos e TV, Brasil, 18 set. 2018. Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/abertura-do-emmy-awards-2018-falou-da-falta-de-diversidade-em-hollywood/>. Acesso em: 29 set. 2020.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 7^a edição. ed. Brasil: Rosa dos Tempos, 2018. 490 p.

YAO, Rodrigo. Maria Angela de Jesus revela os planos da Netflix em entrevista exclusiva. **Uol**: Observatório de Séries, Brasil, 24 jan. 2020a. Disponível em: <https://observatoriodeseries.uol.com.br/entrevistas/2020/01/maria-angela-de-jesus-revela-os-planos-da-netflix-em-entrevista-exclusiva>. Acesso em: 2 set. 2020.

YAO, Rodrigo. Netflix revela pesquisa com raros dados de sua audiência e mostra que está apostando cada vez mais na representação dos jovens. **Uol**: Observatório de Séries, Brasil, 24 jan. 2020b. Disponível em: <https://observatoriodeseries.uol.com.br/destaque/netflix-revela-pesquisa-com-raros-dados-de-sua-audiencia-e-mostra-que-esta-apostando-cada-vez-mais-na-representacao-dos-jovens>. Acesso em: 2 set. 2020.